

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Setembro - 2022
Ano LXXIII - Nº 7
R\$ 12,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes R\$ 12,00

Virgínius da Gama e Melo

*Os 100 anos de um menestrel que ensinou
à Paraíba a beleza da arte, e um dos mais
importantes intelectuais de sua época*



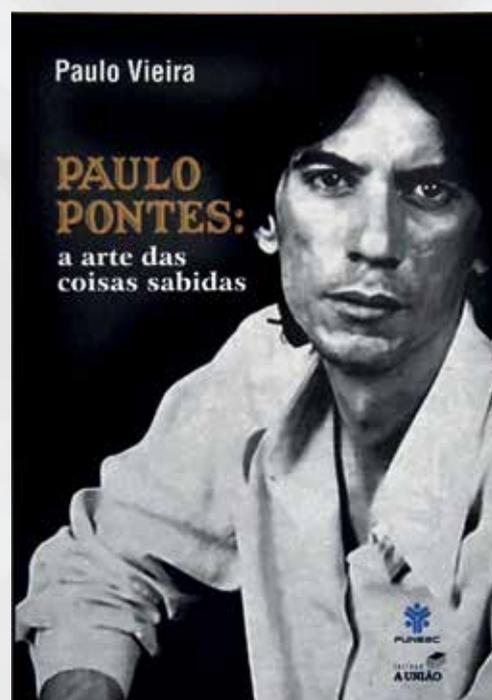
R\$ 30,00



R\$ 35,00



R\$ 30,00



R\$ 35,00

MARKETING EPC / Fotos: @edsonmatosfotos

A Editora A União tem o melhor da literatura paraibana.
ADQUIRA SEU LIVRO!

Contato comercial:
(83) 98885-3199

A UNIÃO



Um resgate necessário

Escritor, poeta, professor universitário... um intelectual de fino trato, de espírito manso e agregador, pelo que depõem os entrevistados que integram a reportagem de capa deste mês, um breve perfil do paraibano Virgínius da Gama e Melo, por ocasião do seu centenário, completado agora, no mês de outubro do ano de 2022. Ou não?

Pela matéria rigorosamente apurada pela repórter Alexandra Tavares, é ponto pacífico a importância que Virgínius teve para a cultura paraibana, mas a data de seu nascimento é alvo de controvérsia.

Uma série de livros consultados pela reportagem - como o Dicionário Literário da Paraíba - dão conta que o professor nasceu em 19 de outubro de 1923. O próprio Virgínius da Gama e Melo assina uma carta em que ele afirma ter nascido em 1923.

Porém, documentos disponíveis na Fundação Casa de José Américo e no arquivo da

Virgínius da Gama e Melo e Antônio Joaquim Pereira da Silva, dois nomes que a Paraíba não deve esquecer, jamais!

Universidade Federal da Paraíba, onde o intelectual lecionou, atestam o real ano de nascimento de Virgínius da Gama e Melo: 19 de outubro de 1922. Portanto, é na edição deste mês que escolhemos celebrar a memória do escritor, com direito a análise de um de seus textos, assinada pela professora Neide Medeiros Santos.

Divergência de nascimento também vamos encontrar na extraordinária narrativa do

desembargador federal Rogério de Meneses Fialho Moreira, que brinda o leitor com valioso material sobre vida e obra do poeta Antônio Joaquim Pereira da Silva, objeto de uma pesquisa minuciosa empreendida pelo magistrado.

Neste outro perfil, Fialho confronta informações divergentes, discorre sobre a vida pessoal do escritor e, sobretudo, lança luz sobre a obra pouquíssimo conhecida do filho ilustre de Araruna, importante para a valorização da cultura paraibana.

Virgínius da Gama e Melo e Antônio Joaquim Pereira da Silva, dois nomes que a Paraíba não deve esquecer, jamais! E aqui está o Correio das Artes para lembrar o quão relevante é o legado de ambos para a cultura do nosso estado.

Boa leitura!

O editor
editor.correiodasartes@gmail.com

índice



PEREIRA DA SILVA

Um perfil do poeta nascido em Araruna e que fez história na literatura e no jornalismo, cuja obra se tornou rara e difícil de encontrar.



CLARISSER

Professora Analice Pereira analisa, com lupa de especialista, o mais novo romance do escritor Tiago Germano, 'O Que Pesa no Norte'.



HISTÓRIA

Artigo do escritor Clemente Rosas passeia pela obra 'Três Homens Chamados João - Uma Tragédia em 1930', da pernambucana Ana Maria César.



ARGENTINA

Francisco Gil Messias desmistifica a pecha de Yoko Ono atribuída à Maria Kodoma, viúva do renomado escritor Jorge Luís Borges.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio C. Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA

Virgínius da Gama e Melo

O HOMEM QUE “ENSINAVA HUMANIDADE”

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Entre 1950 e 1975, o paraibano Virgínius da Gama e Melo já circulava pela Paraíba e por outros estados brasileiros como um nome respeitável na área cultural. Quem o conheceu garante que, além de um grande intelectual, era um homem de fino trato, de espírito manso e agregador. Descendente de duas das mais tradicionais famílias do estado - os Gama e Melo e os Figueiredos -, o paraibano enfrentou logo cedo a perda dos pais, passando a morar com as tias no bairro de Tambiá, em João Pessoa, fato que não lhe trouxe prejuízo à vida profissional e aos múltiplos talentos que tinha. Foi professor universitário, crítico literário, contista, cronista, romancista, jornalista, dramaturgo e orador. Em 19 de outubro se comemora o centenário de nascimento deste paraibano considerado por intelectuais contemporâneos e de outras gerações um dos nomes mais marcantes da cultura paraibana de sua época.

Um dos amigos de Virgínius foi Paulo Melo, produtor cultural, ex-diretor geral de cultura da Paraíba (no governo de Ivan Bichara) e ex-diretor do Teatro Santa Roza. “De meados dos anos 1950 até julho de 1975, ele foi o mais brilhante e o mais influente intelectual da Paraíba de seu tempo (rivalizando com José Américo), incentivando, estimulando, orientando, criticando e criando condições para as mais variadas manifestações artísticas. Cientes de seu caráter agregador e de seu multifacetado conhecimento, inúmeros eram os poetas, contistas, artistas plásticos, cineastas, teatrólogos, jornalistas, professores que o consultavam, submetendo à sua apreciação ideias, projetos e trabalhos, sempre recebendo dele a mais generosa acolhida”, enfocou Paulo.

E foi justamente em busca deste olhar crítico de Virgínius que Paulo Melo, em 1961, com apenas 18 anos de idade, se aproximou dessa espécie de guru intelectual daqueles tempos. Ele contou





ILUSTRAÇÃO: ARQUIVO A UNIÃO/FILTRO DO PHOTOSHOP - PAULO BERGIO

*Guru intelectual: artistas
das mais variadas
vertentes recorriam ao
professor Virgínius da
Gama e Melo em busca
de orientação*

► que, na ocasião, trabalhava na seção de cadastro do Banco Nacional do Norte, na capital paraibana, quando seu chefe, Oswaldo Paraíba, atraído pelo perfil que o subordinado redigia sobre possíveis clientes, se ofereceu em propor ao jornal *Correio da Paraíba*, cuja sede era vizinha ao banco, um texto que Paulo Melo viesse a escrever. Estudante do 1º ano clássico no turno da noite do colégio Liceu Paraibano, admirador da Revolução Cubana e ainda sob o impacto do episódio da Baía dos Porcos, Paulo escreveu seu primeiro artigo: “A insignificância do anti-castrismo”. A proposta não demorou a ser feita por Oswaldo e também rapidamente foi aceita pelo jornal, que publicou o texto dias depois.

No dia da publicação, o escritor principiante acordou antes da chegada do jornaleiro, se dirigindo à sede do *Correio da Paraíba* (situado, na época, na rua Barão do Triunfo) e adquiriu o exemplar. “Orgulhoso, logo pensei em submetê-lo à apreciação daquele que considerava o mais bem capacitado para tanto: Virgínius da Gama e Melo”, declarou Paulo.

Tomada a decisão, ele seguiu a passos largos pela rua Guedes Pereira, até o Paraíba Palace Hotel, onde ficou a se demorar no Ponto de Cem Réis, fazendo hora enquanto criava coragem para se aproximar de Virgínius. Por volta das 11h, finalmente a consulta foi feita, mas o intelectual paraibano, “não deu muita bola para o artigo”. No entanto, convidou o jovem para acompanhá-lo para um gole de cerveja.

“E de gole em gole, ficamos até o crepúsculo. Mesmo sem sua opinião, nascia ali uma convivência que, nos mais de 14 anos seguintes, foi essencial na minha vida, ao menos a espiritual”.

A longa convivência os tornou mais do que amigos, compadres, pois Virgínius foi padrinho de casamento de Paulo Melo. A aproximação gerou tamanha admiração que fez com que o animador cultural homenageasse o amigo, colocando o nome da própria filha de Rosa Virgínia. Outra homenagem ocorreu em fevereiro de 1979, quatro anos após a morte do ilustre escritor. O 4º Festival de Arte de Areia, o último dos quatro dirigidos por Paulo Melo, foi dedicado ao Menestrel, como era conhecido o paraibano.

TRAJETÓRIA DE VIDA

Virgínius Figueiredo da Gama e Melo (nome completo) era filho único de Pedro Celso da Gama e Melo e de Severina Figueiredo da Gama e Melo, famílias tradicionais da Paraíba. Segundo a professora e escritora Elizabeth Marinheiro, membro da Academia Paraibana de Letras (APL), prima do paraibano, os pais dele chegaram a ter uma filha, mas ela morreu cedo.

O parentesco entre os dois se dá pelo lado materno. A mãe de Elizabeth, Marié Figueiredo, era irmã de Severina Figueiredo. A professora ainda lembra dos tempos em que visitava o primo no bairro de Tambiá, onde ele vivia com as tias na capital do estado. “Eu ia dar aula de mestrado na UFPB e almoçava com Virgínius e as tias dele da parte dos Gama e Melo. Era uma pessoa muito inteligente. Tive uma longa convivência com ele”.

Apesar da estabilidade financeira, Virgínius perdeu a mãe quando tinha menos de dois anos, e o pai por volta dos 13 anos, por isso ficou sob os cuidados das tias paternas, sem perder os laços com os parentes por parte de mãe.

Uma das pesquisadoras que estuda a vida do intelectual paraibano é a professora e escritora Neide Medeiros Santos. De acordo com ela, o Menestrel nasceu e viveu vários anos na capital paraibana, na casa situada na Rua Nova, atual General Osório, nº 71. Porém, morou em Recife e em Campina Grande. Os primeiros estudos foram feitos no Grupo Escolar Pedro II, o secundário no Colégio Pio X, o pré-jurídico no Liceu Paraibano (todos em João Pessoa), concluindo o ensino médio no Ginásio Pernambucano, em Recife.

Formou-se em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas, em Recife. De acordo com Neide Medeiros, ele interrom-

peu o curso durante um período para tratar de uma tuberculose, cujos cuidados inicialmente foram feitos no Hospital do Sancho (Recife), depois no Clementino Fraga (João Pessoa). Restabelecido, voltou a frequentar a faculdade de Direito.

Iniciou sua vida profissional em Campina Grande e lá trabalhou no escritório de advocacia dos tios Acácio Figueiredo, Argemiro Figueiredo e Manoel Figueiredo. Depois fixou residência em João Pessoa. “Sempre teve bom trânsito entre os familiares maternos, gostava de passar férias nas casas dos tios e do avô Salvino Figueiredo. Outra casa muito frequentada pelo estudante era a do tio Bento (Belinho) Figueiredo, em Campina Grande”, acrescentou a pesquisadora Neide.

Além de ser professor de Literatura na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o paraibano exerceu inúmeras funções na área cultural. Escreveu romance, contos, crônicas, peças teatrais, revelando-se ainda como agitador cultural.

Escreveu para o *Jornal A União*, assinando a coluna de crítica literária, e também para o extinto jornal *O Norte*, onde atuava como cronista. Mas o talento de Virgínius da Gama e Melo também podia ser visto em jornais fora da Paraíba. Foi colaborador de periódicos como o *Diário de Pernambuco*, o *Estado de São Paulo* e o *Jornal de Letras*.

O paraibano era uma pessoa bastante dinâmica. Um dia após a morte do escritor, a imprensa divulgou que Virgínius havia agendado uma apresentação que ele faria do livro de poemas *Quarto Minguante*, de José Américo de Almeida.

O produtor cultural Paulo Melo afirmou que apesar de pertencer a uma das famílias tradicionais da Paraíba, o Menestrel se dava com todo o mundo, principalmente com seus alunos da universidade e colegas de imprensa. “Era cortejado por aspirantes à vida artística e intelectual e mesmo pelos que assim já se consideravam aí integrados”.

Entre os contemporâ-

Corpo de Virgínius da Gama e Melo está enterrado no Cemitério Nossa Senhora da Boa Sentença, em João Pessoa



neos, é unânime a atribuição de boêmio inveterado, passagem da vida registrada, principalmente, nas frequentes reuniões com os amigos intelectuais na Churrascaria Bambu, que existia no Parque Solon de Lucena (Lagoa). “Desde jovem, teve problemas de saúde e, sem abrir mão da vida boêmia, preferiu viver solteiro, sem abdicar da elegância ao vestir - sempre de terno, e do galanteio, que a muitas cativava”, recordou Melo.

Em 1º de agosto de 1975, ele faleceu no Prontocor, na capital paraibana. A causa da morte, documentada no Jornal A União no dia 2, teria sido uma insuficiência circulatória, antecedida de mal súbito sofrido em casa.

Em outubro de 2000, a Academia Paraibana de Letras (APL) concedeu o título Acadêmico Post Mortem a Virgínius da Gama e Melo, legitimando a importância do paraibano para a cultura do Estado. A homenagem, feita quando a entidade era presidida por Joacil de Brito Pereira (1923-2012), foi concedida durante a posse do escritor e dramaturgo Ariano Suassuna (1927-2014) na Cadeira de nº 35 da APL.

FOTO: ROBERTO GUEDES/A UNIÃO



PRESENÇA MARCANTE NA CRÍTICA LITERÁRIA

Apesar de exercer, com maestria, diversas atividades na área cultural, Virgínius da Gama e Melo se dedicou com afinco à crítica literária. O jornalista e cronista Gonzaga Rodrigues afirmou que o Menestrel foi “uma presença marcante na crítica literária da Paraíba e do Nordeste a partir de 1960”. A militância nessa área, segundo ele, começou no Jornal do Comércio, em Recife. “Quando ele escrevia sobre escritores como Graciliano Ramos e José Lins do Rego”.

De acordo com Gonzaga, o paraibano não passou muito tempo em terras pernambucanas, retornando à Paraíba para se tratar de doenças pulmonares que o afligiram durante grande parte da vida. “Então, Virgínius transferiu para João Pessoa sua tenda de trabalho, sem perder a visão da literatura que se fazia no Brasil. Era um homem de liderança, e em torno dele girou toda uma geração de escritores, jornalistas, artistas. Ele era um homem que influiu na literatura e nas artes”, destacou.

Nos períodos de recolhimento para se tratar do problema pulmonar, o intelectual aprofundava as leituras nos clássicos, com ênfase nos regionalistas brasileiros, nos hispano-americanos e nos germânicos. Paulo Melo enfocou a relevante atuação do Menestrel na crítica literária, mas disse que, mesmo sem abdicar da firmeza e precisão da análise, tinha o propósito de integrar ao seu julgamento uma espécie de estímulo.

Portanto, Virgínius não empregava na tarefa de crítico palavras secas e ácidas quando o livro não atendia ao que se propunha. Pelo contrário, esse ofício era exercido como um “exercício de pedagogia”. “A obra podia ter defeitos, que eram assinalados com justificativas e elegância, mas se identificasse um resquício que fosse de talento, era nele que estendia seu entendimento e interpretação. Não criticava por criticar. No fundo, ensinava humanidade”, ressaltou Melo.

O produtor cultural salientou que o espírito pedagógico não se restringia às salas de aula ou aos escritos que lia, mas se estendia para a vida, inclusive na de boêmio que foi. “Sua dimensão humana não propiciava inimizades. A

FOTO: ACERVO PESSOAL



Paulo Melo, amigo de longa data do Menestrel: “Sua dimensão humana não propiciava inimizades”

sua natureza generosa e espontânea era reconhecida não só na mesa do bar (com ele presente, ninguém pagava a conta), mas sobretudo nos juízos artísticos e literários, com os quais só angariava admiradores, mesmo os não confessáveis”.

Como crítico literário, Virgínius da Gama e Melo escreveu para importantes suplementos literários do Nordeste, Rio de Janeiro e São Paulo, além de ser palestrante em encontros nacionais. De acordo com Melo, foi num deles, o 2º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizado em julho de 1961, na Faculdade de Ciências e Letras, no campus da Unesp, na cidade de Assis, São Paulo, que Virgínius apresentou seu estudo sobre “O romance nordestino de 1928 a 1961”, chamando a atenção de todos os participantes, em especial de Austregésilo de Athayde, então presidente da Academia Brasileira de Letras, que terminou por sugerir-lo que o congresso seguinte fosse realizado em João Pessoa.

De pronto, o paraibano foi à cabine telefônica e falou sobre a proposta para o governador Pedro Gondim, que deu carta branca. Assim, Virgínius organizou aquele que seria o maior evento literário



FOTO: EVANDRO PEREIRA UNIÃO

Neide Medeiros lembra de uma reflexão de Virgínius acerca do crítico literário: “Ao analisar, compreendendo, ele dirá tudo”

- ▶ da Paraíba em todos os tempos, e que agora em novembro completa 60 anos.

O poeta e crítico literário, Hildeberto Barbosa Filho não conviveu com Virgínius, mas sempre manteve contato com seu trabalho. Ele contou que o paraibano militou como crítico e estava sempre atento aos autores brasileiros, em especial José Américo, Jorge Amado e José Lins do Rêgo. “Sobre este, publicou um ensaio seminal que acompanha as edições de *Pureza*, de José Olympio, intitulado ‘Antagonismo e paisagem’. Olavo Bilac também foi motivo de sua exegese em pequeno ensaio, ‘O alexandrino Olavo Bilac’. Crítico de feição analítica, voltado para os motivos temáticos associados, no entanto, aos elementos estilísticos, numa equilibrada correlação entre forma e fundo”.

Para ele, o centenário deste que é uma das personalidades paraibanas, se configura numa data singular para a cultura do Estado. E ao lado de Juarez da Gama Batista – primo de Virgínius -, constitui a dupla de críticos mais importante nas décadas de 50, 60 e 70 do século passado. De acordo com Hildeberto, o compromisso que esse expoente das letras assumiu, ao longo de sua vida intelectual, com a literatura brasileira, sobretudo com os escritores da terra, forma um legado dos mais significativos para as novas gerações.

“Seus *Estudos Críticos*, reunidos em dois volumes e publicados pela UFPB, juntamente com outros textos dados a lume em publicações esparsas, revelam um leitor equipado, um intérprete aten-

to aos meandros intrínsecos da configuração literária e, em especial, um leitor que já assimila postulados das novas correntes críticas que vêm da Europa e dos Estados Unidos, numa atitude antecipadora do que ocorrerá com os estudos universitários levados a termo pelos cursos de Letras e pelos teóricos e professores deles advindos”, concluiu.

OBRAS E PRÊMIOS

Virgínius Figueiredo da Gama e Melo foi presidente do Conselho Estadual de Cultura, membro da Academia Paraibana de Letras e tinha ligação à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Conquistou prêmios nacionais pelas obras publicadas.

Escreveu dois romances – *Tempo de Vingança* (Ed. Civilização Brasileira, 1970) que recebeu o Prêmio do Instituto Nacional do Livro, e *A Vítima Geral* (Livraria Editora José Olympio, 1972) ganhador do Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal. É autor do livro de contos *Os Seres*; do ensaio *O Alexandrino Olavo Bilac* – Prêmio Universidade Federal da Paraíba, e Carlos de Laet, da Academia Brasileira de Letras. Escreveu a peça de teatro *A Modelação* – Prêmio do Serviço Nacional de Teatro, 1966. Além de muitos artigos de crítica literária para jornais e revistas literárias, Virgínius foi professor da UFPB. Ainda é autor de *Antagonismo e Paisagem*.

Entre os filmes que participou e realizou, destacam-se *Menino de Engenho*, *A Bolandeira* e *O Homem do Caranguejo*. A escritora, professora e pesquisadora Neide Medeiros Santos ressaltou que, certa vez, Virgínius teria registrado a seguinte reflexão sobre o papel de crítico literário: “Só há uma coisa importante para a crítica literária – é compreender a obra criticada. Não precisa o crítico elogiar nem atacar. Ao analisar, compreendendo, ele dirá tudo. E o leitor compreenderá também”.

As obras do paraibano nada ficaram a dever aos mestres da época, inclusive aqueles famosos nacionalmente. O poeta e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho destacou duas, especificamente: na crítica, *O Romance Nordestino e Outros Ensaios*; e no romance, *Tempo de Vingança*, também exaltada por outros intelectuais. “Lá, pela variedade dos assuntos abordados, sobretudo quando se focaliza a tradição narrativa em plagas nordestinas. Aqui, pelo valor histórico do romance e pela consistência estética de sua estrutura artística”, salientou Hildeberto.

**1922 ou 1923:
o ano de
nascimento de
Virgínius da
Gama e Melo traz
controvérsias
entre escritores,
intelectuais,
pesquisadores e
jornalistas.**

▶ LEGADO QUE VAI ALÉM DAS CONTROVÉRSIAS

O ano de nascimento de Virgínius da Gama e Melo traz controvérsias entre escritores, intelectuais, pesquisadores e jornalistas. Informações trazidas em jornais se diferenciam dos registros feitos em livros. O Dicionário Literário da Paraíba, por exemplo, cita o ano de nascimento como sendo o de 1923. Já pessoas da convivência deste expoente escritor e crítico literário, assim como os registros feitos em periódicos citam, o ano de 1922.

Como o **Correio das Artes** prima pela informação fidedigna, não podíamos deixar de mencionar tais divergências e buscar a correção do dado. Em pesquisa realizada sobre o intelectual paraibano, a professora, pesquisadora e escritora Neide Medeiros Santos também se deparou com tais discordâncias de informações.

“Em carta a Gilberto Amado, de caráter autobiográfico, Virgínius diz que nasceu em 1923, mas no registro de nascimento que se encontra na FCJA (Fundação Casa de José Américo), traz o ano de 1922. No Certificado de Reservista e no Título de Eleitor constam o ano de 1922. Esta última pesquisa foi feita pela professora Lúcia Guerra no Arquivo da Reitoria Progep/UFPB”, frisou a professora Neide.

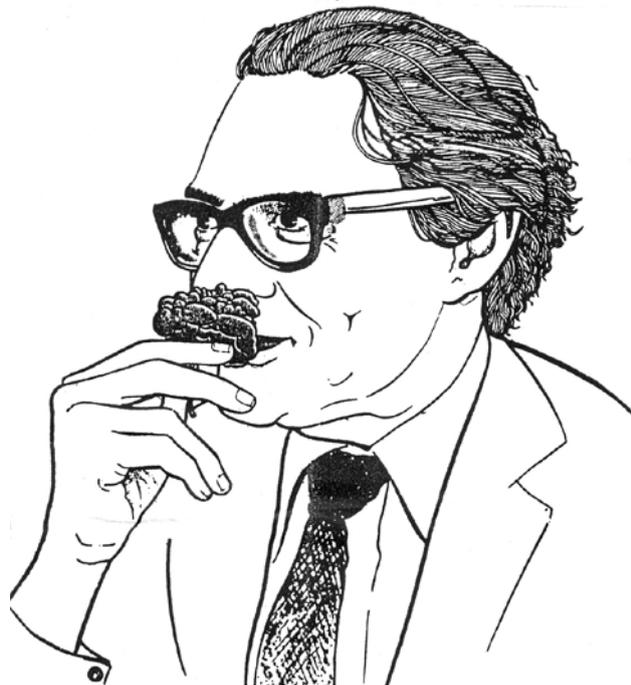
Mesmo assim, fica o questionamento sobre a carta escrita por ele e endereçada a Gilberto Amado - 1923. A explicação para a dubiedade de datas está, por certo, em uma das publicações que a Editora A União lançou no ano 2000, em formato de plaquete, intitulada *Série Histórica – Nomes do Século*, em que homenageava personalidades paraibanas e Virgínius da Gama e Melo foi lembrado.

Esse material traz, na página 33, a seguinte informação: “Segundo familiares, Virgínius teve sua data de nascimento alterada para que pudesse ser matriculado no curso secundário, tão jovem completou, ele, o curso primário”.

Independentemente de qualquer desencontro de datas, a verdade é que em 19 de outubro se comemora o centenário desse paraibano, cujos prodígios intelectuais vão muito além do que qualquer discordância cronológica sobre sua existência.

“Virgínius deixou um legado inestimável para a crítica literária na Paraíba. Seus romances, seus livros de crítica, ensaios, artigos publicados nos jornais e revistas precisam ser revisitados no ano em que se comemora o centenário de seu nascimento. As novas gerações muito têm o que aprender com este grande crítico – a simplicidade do fazer literário, seu devotado amor às letras”, ressaltou Neide Medeiros. ▶

ILUSTRAÇÃO: MILTON NÓBREGA/ARQUIVO A UNIÃO



Virgínius: documentos atestam nascimento em 1922, mas em carta, escritor afirma ter nascido em 1923

TRECHO DA CARTA AUTOBIOGRÁFICA

Abaixo segue trecho da carta escrita por Virgínius da Gama e Melo, endereçada a Gilberto Amado. Os escritos estão registrados na plaquete *Série Histórica – Nomes do Século* (Editora A União), dedicada ao ilustre paraibano.

“Nasci a 19 de outubro de 1923, João Pessoa, de família tradicional, neto de governadores e senadores – Gama e Melo – mas gente empobrecida. Filho único, não cheguei a conhecer mãe – vagas lembranças – perdi-a no primeiro ano de vida. Pai mesmo, pouco conheci. Era telegrafista e não residia conosco, quer dizer aqui em João Pessoa. Fui criado para certa rebeldia ou marginalismo que sempre me acompanhou na vida.”

› A ORIGEM DE “O MENESTREL”

Em depoimentos colhidos durante a reportagem, foi comum ouvir na voz das pessoas que conviveram com o homenageado desta edição do **Correio das Artes** um quê de admiração, respeito e irmandade para com Virgínius da Gama e Melo. Uma dessas pessoas que considera o ilustre intelectual um “amigo irmão” é o cineasta, escritor, jornalista, e produtor teatral Ipojuca Pontes.

Ele contou que era crítico de cinema no extinto Jornal O Norte, em João Pessoa, quando conheceu Virgínius. Na época, o intelectual teria sido atacado por João Ramiro Melo (que escrevia em A União), por causa do cineasta, roteirista e crítico de cinema Jean-Luc Godard, considerado por Ipojuca um “cineasta suicida e neto de banqueiro suíço, cujo objetivo era destruir a linguagem do cinema tradicional”.

“Na polêmica, fiquei ao lado de Virgínius, afirmando que entre Luc Godard e Walfredo Rodrigues, ficava com o pioneiro paraibano. A partir daí, ficamos amigos. Por afeto, apelidei-o de O Menestrel, coisa que a cidade tratou a chamá-lo”, declarou.

Segundo Ipojuca, o amigo “tinha estilo dentro e fora da literatura, o que é uma raridade. Bonito, deve ter sido criança baby-face”. Sobre as vestimentas, ele recordou que o escritor usava requintados ternos claros e bem cortados. “Nunca o vi de terno escuro, salvo numa conferência que fez no Teatro Santa Roza sobre Caxias, o Pacificador – uma cutucada firme nos milicos de então”.

Como crítico, Pontes ressaltou que o intelectual paraibano seguia a linha de José Veríssimo e, mais tarde, Álvaro Lins. “O legado de Virgínius pode ter sido o da honestidade intelectual e amor *full time* pela literatura.

Mas, como estou por fora, não sei como a coisa funciona hoje. Torço para que o **Correio das Artes** reative o legado do nosso grande Menestrel”.

Este ano, no aniversário de 47 anos de morte do paraibano, Ipojuca publicou, nas suas redes sociais, um artigo enfocando que Virgínius “foi reconhecido pelo seu trabalho como um dos grandes críticos literários do seu tempo - posição conquistada no tacho a tacho, ali, sem patotagem ou bajulação”.

O texto lembrava, ainda, que “como crítico, o Menestrel reagia ao relativismo imposto pelo New Criticism americano e ao estruturalês redutor de Roland Barthes, ainda em voga nos contaminados departamentos de letras das universidades. Avesso às teorias de linguagem, semiótica ou desconstrutivista, sua abordagem estética dava primazia às relações entre o autor e o leitor. Ou seja, o direto fruir de Shakespeare, Dante, Dostoiévski ou Zé Lins do Rego”.

E, “ao contrário de Graciliano Ramos, não recusava prefaciá-lo livro, embora repetisse a frase emblemática: ‘Nada mais difícil do que resistir ao fácil’”.



Ipojuca Pontes alega que deu a Virgínius da Gama e Melo o apelido de “O Menestrel”

FOTO: ACERVO PESSOAL

PROGRAMAÇÃO SOBRE O CENTENÁRIO

Para lembrar o centenário de nascimento de Virgínius Figueiredo da Gama e Melo, a Fundação Casa de José Américo (FCJA) irá realizar um evento que abordará a vida e obra do paraibano. No dia 24 de outubro, haverá um Ciclo de Debates que será transmitido de forma virtual. O debate contará com a participação de Janete Lins Rodriguez, diretora do Museu Casa de José Américo; de Laércio Teodoro da Silva, professor de História; e da professora, pesquisadora e escritora Neide Medeiros. A mediação ficará por conta da historiadora Lúcia Guerra. A programação ainda está aberta, com outras novidades a serem divulgadas até outubro.

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Releitura de

“O ALEXANDRINO OLAVO BILAC”

Neide Medeiros Santos
Especial para o *Correio das Artes*

Uma pesquisa na Fundação Casa de José Américo no Arquivo de Virgínius Figueiredo da Gama e Melo e na Biblioteca Durmeval Trigueiro Mendes, da mesma fundação, me levou a descobrir algumas facetas do professor e crítico literário paraibano. No decorrer do seu centenário, que ocorre este ano, iremos trazer um pouco da vida e da obra deste escritor. Vamos começar pelo ensaio *O Alexandrino Olavo Bilac* e fazer uma releitura deste texto, explorando alguns aspectos estilísticos detectados pelo ensaísta na poesia de Olavo Bilac. O ensaio premiado não foi mais reeditado e o livro está dormindo nas prateleiras das bibliotecas particulares ou públicas. É necessário revistá-lo.

Com o pseudônimo de Cilab, anagrama de Bilac, Virgínius concorreu ao concurso “Prêmio Olavo Bilac”, instituído pelo Departamento Cultural da Universidade Federal da Paraíba, na categoria ensaio, e ganhou este prêmio. Comemorava-se o centenário de nascimento do poeta Olavo Bilac. A comissão julgadora foi constituída por Jurandy Moura, Juarez da Gama Batista e Oscar de Castro. O longo ensaio, vencedor do concurso, foi transformado em livro e publicado com o selo da Editora Universitária. UFPB, 1965.

Em parecer sobre o texto, a comissão afirmou que o autor fez uso de uma técnica proustiana e analisou várias passagens da poesia de Bilac: do endeusamento do poeta ao seu desprestígio, de sua cultura livresca aos caracteres estilísticos e ao sensualismo.

A Apresentação do livro foi feita por Juarez da Gama Batista com o título “Um Lord Jim” e explica o porquê do título. Sempre que se encontrava com Virgínius, vinha-lhe a lembrança da figura longínqua de Lord Jim, de Conrad. Em seguida faz a descrição deste personagem: “Eu o vi passar, impressionante, na nuvem do seu mistério, perfeitamente silencioso.” (p.06). E prossegue: “Um pouco encurvado, olhar fixo, a cabeça para frente (...) sua atitude traía uma espécie de displícite altivez” (p. 06). Foi a descrição desse personagem por Conrad que fez Juarez associá-lo a Virgínius.

Quanto ao conteúdo do trabalho, ainda é Juarez quem afirma: “Aqui está um ensaio literário escrito com mão de mestre. Talvez o mais completo e atual sobre Olavo Bilac. Um trabalho que será tão valioso como interpretação, como revalidação do seu tema” (p. 09).

Quem pensa que vai encontrar um texto enfadonho, uma análise minuciosa da poesia bilaquiana, engana-se, é uma leitura agradável, com intertextualidades, relevo às qualidades estilísticas dos poemas e uma crítica centrada nos aspectos intrínsecos da obra.

O ensaísta inicia seu texto citando um artigo publicado por Afonso Arinos de Melo Franco, em que o político e literato estranha a grande importância que as histórias da literatura brasileira dão as biografias dos escritores. Virgínius explica que tudo isso foi esclarecido por Afrânio Coutinho, que tornou possível a divulgação da “nova crítica”, com estudos baseados na natureza intrínseca da obra, isto é, na crítica textual. A crítica biográfica cedeu lugar à “nova crítica”.

Se para alguns Bilac é ultrapassado, para outros é fonte de inspiração. Manuel Bandeira confessa que leu Bilac para escrever a “Balada das Três Mulheres de Araxá”. Embora não exista nenhum verso integral de Bilac nesse poema, os indícios bilaquianos aí se encontram e podem ser rastreados na adjetivação e na imagística. Nestes dois aspectos, surgem claramente os indícios de Bilac. E diz mais: “o intenso sensualismo, por exemplo, é uma nítida revivescência da inspiração de Bilac, decisiva logo no primeiro verso” (p. 23).

Transcrevemos não apenas o primeiro verso do poema “Balada das três mulheres do sabonete Araxá”, de Bandeira, mas a primeira estrofe na íntegra:

*As três mulheres do sabonete Araxá
me invocam, me bouleversam, me hipnotizam .*

*Oh, as três mulheres do sabonete Araxá
às 4 horas da tarde!*

*O meu reino pelas três mulheres do
sabonete Araxá!*

A ênfase exclamativa de Bandeira, na opinião de Virgínius, remete aos arroubos de Bilac nos sonetos amorosos e atribui este lado sensuálista de Bilac a um dos motivos de sua popularidade. “Beijos e seios” são ▶

- ▶ citados com frequência e são “reivindicadores e opulentos, níveos e rosados, tímidos e eretos” como se pode observar nesses versos do poema ‘Súplica’:

*Quero-te inteiramente
Nua! quero, tremente,
Cingir de beijos tuas róseas pomas.*

O poema ‘De volta do baile’ é tão visual que o ensaísta denomina Bilac de “o poeta do strip-tease”. Comprove-se:

*Mais um gesto... E, vagarosa,
Dos ombros solta, a camisa
Pelo seu corpo, amorosa
E sensualmente, desliza.*

*E o tronco altivo e direito,
O braço, a curva macia
Da espádua o talhe do peito
Que de tão branco se irradia:*

*O ventre que, como a neve,
Firme e alvíssimo se arqueia
E apenas embaixo um leve
Buço dourado se arqueia.
[...]*

Quase tudo que Bilac escreveu mereceu o olhar arguto do crítico paraibano: o cronista esportivo, autor de várias crônicas para o jornal Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro; a sua contribuição em diversos movimentos patrióticos, como na “Liga da Defesa Nacional” e nas campanhas em prol do serviço militar obrigatório. Não encontramos referências ao poeta de literatura infantil e dos livros didáticos, isso foi muito bem analisado, alguns anos mais tarde, por Marisa Lajolo na tese de doutorado – *Usos e abusos da literatura na escola. Bilac e a literatura escolar na República Velha* (Editora Globo, 1982).

No que se refere à natureza, diferente dos poetas românticos, Bilac apresenta uma visão enevoada, quase indistinta, de contornos diluídos, vista através de um véu e cita estes versos:

*Pinta; mas vê de que maneira pintas...
Antes busques as cores da tristeza,
Poupando o escrínio das alegres tintas:*

*- Tristeza singular, estranha mágoa
Do que vejo coberta a natureza,
Porque a vejo com os olhos rasos d’água...*

Essa foi a posição permanente de Olavo Bilac em relação à natureza – “uma visão enevoada”. O poeta nunca teve a coragem de confessar sua antipatia pela natureza, mas externou a Medeiros de Albuquerque, no encontro que tiveram em Paris, que ficaria muito mal como poeta revelar tais sentimentos, a verdade era que só apreciava ambientes urbanos e civilizados.

As paisagens descritas por Bilac são “paisagens amenas”, um lugar formoso e sombreado, com árvores, um prado, uma fonte, um arroio. Estes elementos estão intimamente relacionados com os “locus amoenus” tão bem descritos por Ernest Robert Curtius, em *Literatura Europeia e Idade Média Latina*.

No soneto ‘Solidude’, inserido no livro *Sarças de fogo*, extingue-se o homem e a terra pela retirada gradativa de cada um desses elementos. Esse excerto exemplifica bem a atitude do poeta:

*Turvem-se aos largos céus... No leito escasso
Dos rios a água segue... E eu tenha o seio
Como um deserto pavoroso, cheio
De horrores, sem sinal de humano passo...*

Em ‘O Caçador de Esmeraldas’, opina o crítico, Bilac ultrapassa a visão da epopeia indianista. Além de uma obra poética de primeira ordem considera que o poeta apresenta uma conceitualização de epopeia nacional. O poema divide-se em quatro cantos, num total de 46 sextilhas em alexandrinos, revelando-se um “mestre do alexandrino”. Outra característica estilística ressaltada na poética de Olavo Bilac é o uso das reiterações e cita estes exemplos:

*E treme, e cresce, e brilha, e.
Afia o ouvido e escuta.
(...)
E este outro:
Em cinza, em crepe, em fumo,
Em sonho, em noite, em nada.*

Observe-se que as repetições seguem uma ordem gradativa. As repetições em Bilac são constantes, ora de imagens, ora de substantivos, ora de adjetivos, ora por necessidade de construção técnica.

Esta é a releitura que fizemos do texto *O Alexandrino Olavo Bilac* que está a merecer um olhar mais acurado no ano em que se comemora o centenário de nascimento do ensaísta, do romancista e, acima de tudo, do crítico paraibano. ❖

Neide Medeiros Santos é professora e ensaísta, mora em João Pessoa. Autora de livros na área de literatura infantil e de teoria da leitura. É colunista colaboradora do Jornal A União - coluna Baú de Livros.

Uma épica da palavra

Hildeberto Barbosa Filho
Especial para o *Correio das Artes*

Tião Lucena escreve como quem proseia na calçada larga da vida, sem temer o que as palavras também contêm de desaforo, deboche e diabolismo.

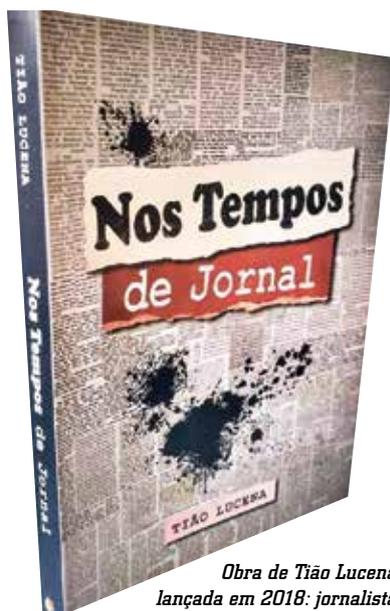
Escrevendo sobre 30 (*A guerra de Princesa*: Recife, Bagaço, 2013), cai na besteira do parcialismo ou se deixa seduzir pela facilidade da caricatura, numa sintaxe perrequista insustentável, quer pelo anacronismo do olhar enraizado no mito do herói sertanejo, quer pela simplificação maniqueísta dos personagens e dos fenômenos históricos, em si mesmos complexos, precários e difusos como qualquer narrativa fragmentada da criatura humana.

Salva-o, dessa armadilha, o ritmo gostoso e depurado do estilo típico dos narradores orais que vêm desaparecendo ao longo do tempo, com seus casos e causos que nos enriquecem a memória e que nos atizam o prazer da leitura.

Já na sua compartimentada autobiografia de jornalista (*Nos tempos de jornal*, João Pessoa: A União Editora, 2018), recortando sua trajetória de repórter e de sua prática variável com a palavra impressa, traz a percepção empática de certas experiências que o formaram e o construíram a partir dos bastidores do mundo do jornal. Com suas idiossincrasias, limitações, apelos e aberturas para o postulado dos fatos e das *personas* que movimentam o tecido da vida social.

Tião Lucena é solidário para com sua categoria e sabe resgatar o valor de personagens que, sem a sua intervenção verbal e memorialística, tomariam, indefesos, sob as duras paredes do esquecimento. Gente da redação, gente da política, gente do universo social, assim com os pequenos e grandes fatos que costuram o tecido da história se entrelaçam numa malha textual que cativa o leitor.

Sua narrativa, portanto, valendo-se da habilidade oriunda das lições da redação, daquele jeito de pôr os pontos



Obra de Tião Lucena lançada em 2018: jornalista é solidário para com sua categoria e sabe resgatar o valor de personagens

nos iis e de não passar a mão na cabeça de ninguém, projeta, na sua textura prosaica, os elementos documentais de uma época e as singularidades de uma experiência individual cheia de peripécias e aprendizados.

Impossível começar a ler Tião Lucena, no seu traquejo enviesado e malicioso com os vocábulos, para não irmos em frente, naquele compasso do quero mais. De suas frases e orações, manejadas ao sabor de certa malandragem estilística, surgem tipos e situações que cheiram o inconfundível aroma das coisas da vida. O espectro histórico se desenha, palpável, nas miudezas do dia a dia, iluminando as suas circunstâncias, contradições e perplexidades.

Fruituoso Chaves, Chico Pinto, Wellington Farias, Enóquio Pelágio, José Euflávio, Gonzaga Rodrigues, Werneck Barreto, Abmael Moraes e tantos outros, que inscreveram sua pauta na dialética absurda do nomear e dizer, do informar

e formar, do pensar e refletir, saltam dessas páginas como figuras vivas e memoráveis no cotidiano da imprensa local. E Tião Lucena está, aqui e ali do texto, como o coro grego que pontua a trajetória de cada um, naquilo que cada um revela de permanente e essencial.

Humor, sarcasmo, ironia, leveza, empatia, e verdade perpassam a ordem dos parágrafos e dos capítulos numa cadência narrativa que nos sugere lições de história, de geografia, de ética, de política, de criatividade e de bom senso, sobretudo de bom senso, que nos liga ao miolo secreto das coisas da vida.

Tião Lucena, neste caso, recupera e enriquece uma pequenina, rica e rara tradição da prosa jornalística paraibana, naquilo que ela pode reunir de literário e de estético. Penso, aqui, em Severino Ramos, com suas *Memórias de um Repórter* e, em especial, com *A Arca dos Sonhos: Mocidade e Outros Heróis*, e no delicioso *Nos tempos do Pedro Américo*, de Paulo Soares.

Antropologia e história, sociologia e psicologia social, filosofia do cotidiano e clínica do humano, além do traquejo da escrita jornalística, com sua mirada no instantâneo que se faz duradouro, estão presentes nas histórias de vida contadas por estes autores, como também nesta história que Tião Lucena nos conta, com tanta verve e sabor.

Sempre considere o olhar jornalístico sobre as coisas tão indispensável quanto o olhar poético, filosófico e científico. Se na mesa dos debates, há um cientista, um filósofo e um poeta, é preciso um jornalista para completá-la. Se o poeta traz o intangível que se oculta na materialidade visível dos fenômenos vitais; se o filósofo traz a dúvida e as irrespondíveis questões diante do ser e do nada; se o cientista traz a prova a partir dos métodos experimentais, o jornalista traz o fato, suas evidências e seus mistérios, para somar, na edificação retórica e na lógica implacável dos discursos, a perpétua modulação da verdade.

Vejo assim este livro de Tião Lucena. Livro jornalístico sobre o jornalismo e sua história. Memória profissional e memória afetiva. Corografia da cidade, de seus amores, dores e dissabores. Descrição de sua boemia, documento de sua alma. Mas também a alma de um ser humano. De um jornalista do batente. Do escritor que veio das serras azuladas de Princesa, assim como um Aldo Lopes de Araújo, um Paulo Mariano e um Otavio Sitônio Pinto, para atender aos vocativos de uma épica da palavra. ✖

Hildeberto Barbosa Filho (HBF) é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB e membro da Academia Paraibana de Letras. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: 'Nem morrer é remédio: Poesia reunida'; 'Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba'; 'Literatura: as fontes de prazer'; 'Os livros: a única viagem' e 'Valeu a pena'.

O esquecido poeta Pereira da Silva

PRIMEIRO PARAIBANO NA ABL E 100 ANOS
DE 'O PÓ DAS SANDÁLIAS'

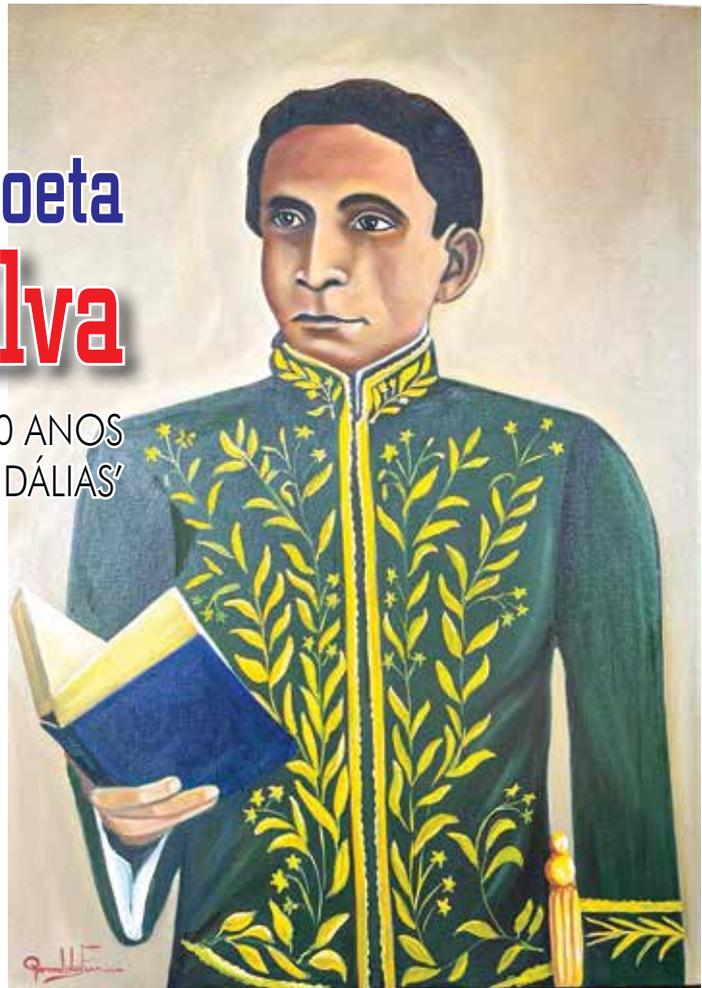
Rogério de Meneses Fialho Moreira¹
Especial para o *Correio das Artes*

Em uma conversa despretensiosa no alpendre de casa, em Araruna, com o jovem historiador ararunense Wellington Rafael, divagávamos sobre as razões pelas quais o poeta Antônio Joaquim Pereira da Silva, o mais ilustre dos literatos nascidos em nossa aldeia, não é devidamente conhecido na atualidade, local ou nacionalmente, ao contrário de outros tantos escritores e poetas paraibanos, em relação aos quais a fama e glória persistem, com justeza, até os dias que correm.

A conclusão inicial a que chegamos foi no sentido de que o poeta simbolista não tem como ser conhecido justamente porque a sua obra não é acessível, física ou virtualmente, por estudantes, literatos, acadêmicos e muito menos pelo público em geral. Para confirmar essa hipótese, dediquei-me durante parte das férias de julho passado a pesquisar onde algum interessado poderia encontrar as obras de A. J. Pereira da Silva, tarefa a cuja conclusão aludirei mais adiante.

Antes, porém, para satisfazer a curiosidade de algum eventual leitor que não conheça o poeta ararunense, parece-me pertinente apresentar algumas rápidas informações, sem qualquer pretensão de traçar-lhe a biografia, cuja riqueza não caberia neste espaço. Segundo o seu biógrafo, o historiador e intelectual Humberto Fonsêca de Lucena², a controvérsia começa pela data de nascimento: à ABL, quando da sua posse, o novel acadêmico declarou que teria nascido em 12 de novembro de 1877, embora comemorasse o seu aniversário no dia 9 daquele mês (ou seja, como se tivesse nascido em 09.11.1877), sendo esta a data de nascimento que consta da 2ª página do assentamento do segundo casamento do poeta.

Quanto ao seu nascimento, mais uma curiosidade: localizei na biblioteca da Justiça Federal da Paraíba a plaqueta editada por A União em 1964³, contendo os discursos proferidos por ocasião da posse do político e intelectual Alcides Carneiro como fundador da Cadeira 34 da Academia Paraibana de Letras, que tem



Pereira da Silva, retratado em um óleo sobre tela do artista Ronaldo Ferreira, de Cacimba de Dentro: poeta nascido em Araruna lançou seu primeiro livro aos 27 anos, em 1903, quando ainda morava no Paraná

por patrono Pereira da Silva⁴. Em sua peroração, que traça rica biografia do patrono, o empossando apresenta uma terceira data como sendo a de nascimento do poeta: 12 de novembro, mas de 1876.

E há, ainda, uma quarta data, pois no sítio da Academia Brasileira de Letras na internet está registrado: "Datas na ABL. Data de nascimento: 9 de novembro de 1876 (...)"⁵. Um outro dia para o nascimento, o quinto ventilado, 7 de novembro de 1876, é mencionado por Massaud Moisés, por Andrade Muricy e por Hildeberto Barbosa Filho⁶.

Penso, no entanto, que deva prevalecer a data que foi indicada por João Lyra Filho no discurso que proferiu por ocasião da sua posse, sucedendo Alcides Carneiro na Cadeira 34 da APL. A partir do "batistério" extraído do livro de assentamentos da Paróquia de Araruna, documento oficial à época, pois o Registro Civil no país, apesar de formalmente criado em 1874, ainda não estava efetivamente implantado, concluiu que a data de nascimento de Pereira da Silva somente poderia ser 6 de novembro de 1876⁷.

▶ O que não há dúvidas é que nasceu em Araruna, sendo filho de Maria Ercelina Pereira da Silva e de Manoel Joaquim da Silva, carpinteiro e fabricante de violas rústicas. A família tinha poucos recursos, pois, como observou Alcides Carneiro no discurso já referido, o ofício do seu pai era pouco rendoso, “o forte do seu artesanato era preparar e executar, com desmedido amor profissional, ataúdes, que eram mais procurados do que as violas seresteiras. Havia na região, como em todas as regiões, mais defuntos que tocadores de rabeça”⁸. O imortal Humberto de Campos, em seu *Diário Secreto*, publicado postumamente em edições de *O Cruzeiro*, em que destila veneno por meio de comentários ácidos e mordazes aos principais vultos cariocas do seu tempo, de certo modo traça elogios à bondade de Pereira da Silva, mas realçando a pobreza em que sempre viveu, desde pequeno⁹, até quando já trabalhava na imprensa da Capital Federal¹⁰.

A infância foi de muitas privações na pequena Araruna, mas não lhe faltava a vivacidade do intelecto. Aprendeu as primeiras letras com o seu tio, o mestre-escola Sinésio¹¹. Sempre que podia, conseguia jornais, revistas e livros emprestados das personalidades mais intelectualizadas da cidade. Ajudava nas missas, atuando como coroinha na matriz de Nossa Senhora da Conceição, atual igreja de Santo Antônio, pois a imponente sede da paróquia, maior templo da atual Diocese de Guarabira, somente começou a funcionar na virada do século, em 31 de dezembro de 1900, com ritual precedido de procissão liderada pelo Padre Joel Esdras Lins Fialho.

Em 1891, aos 14 anos de idade, órfão de pai e tendo a mãe casado em segundas núpcias, muda-se para o Rio de Janeiro, onde não tinha parentes ou amigos que o amparassem ou orientassem na vida¹². Na capital da nascente República, consegue matricular-se no Liceu de Artes e Ofícios e, em seguida, na Escola Militar, onde, em 1897, foi preso por participar de motim com os seus colegas. Cumpriu prisão no Batalhão de Cavalaria, em Curitiba¹³, para onde fora recambiado e, na capital paranaense, continuou a prestar o seu serviço no Exército enquanto, ao mesmo tempo, mantinha contatos com escritores e poetas locais, imergindo no mundo da intelectualidade.

Aos 27 anos, em 1903, lança o seu primeiro livro, *Vae Soli* (em tradução direta e livre, *Ai do solitário*, expressão usada no Livro de Eclesiastes para se referir à penúria do homem que vive só), pela Imprensa Paranaense e, no mesmo ano, desliga-se da força terrestre e retorna ao Rio de Janeiro, “depois de seis anos de duro e caroável exílio sem amargura, após estrita convivência com as musas. Ia começar a suave e surda ascensão”¹⁴.

Na Capital fluminense, passa a relacionar-se com os jovens poetas simbolistas, atuando nos meios jornalísticos. Convivendo com Rocha Pombo, famoso historiador e jornalista paranaense, radicado no Rio de Janeiro, autor de *O Hospício* e de *A Honra do Barão* e também imortal da ABL¹⁵, conhece a filha dele, até hoje referida nas biografias como sendo Eulina (Lili), “com quem viria a casar-se. Este casamento seria mais tarde o infortúnio do poeta”, segundo Humberto Fonsêca de Lucena¹⁶.

O casamento com Lili realizou-se no Rio de Janeiro, em 20 de setembro de 1906, tendo o casal um único filho, Hélio Pombo Pereira da Silva¹⁷ e, de acordo com a biografia constante do sítio da ABL na internet, o poeta fora abandonado “pela mulher, e com um filho aos seus cuidados”¹⁸.

Dois casamentos

A tecnologia atual, no entanto, oferece ferramentas de pesquisa inexistentes à época em que traçadas as biografias dos vultos do passado. Conteí com a colaboração do pesquisador João Alberto de Oliveira Lima, Analista de Informática Legislativa do Senado que, por meio do site *family-search.org*, localizou valioso e inédito acervo documental acerca da vida de Pereira da Silva: as certidões dos seus dois casamentos, a certidão de óbito de “Lili”, bem como do nascimento e casamento do seu filho Hélio e, ainda, vários atos oficiais relativos à vida profissional no Paraná.

Desses documentos surge a grande surpresa, pois o nome de Lili não era Eulina, e sim Carmelita¹⁹. Do ato notarial alusivo ao casamento realizado em 20 de setembro de 1906, está consignado que Maria Carmelita da Rocha Pombo passou a se chamar Maria da Rocha Pombo Pereira da Silva²⁰, tendo falecido em 26 de janeiro de 1929²¹, em decorrência de doença hepática.

O declínio do casamento de An-

tônio Joaquim e Carmelita (Lili) é contado com detalhes maledicentes no *Diário Secreto* de Humberto de Campos. Inicia demonstrando simpatia e compaixão pelas desventuras do poeta paraibano, mencionando que a esposa o evitava de toda maneira e, consultando “o seu coração, havia dele verificado que não o amava mais. E como viver ao seu lado seria uma hipocrisia e um sacrifício, pedia-lhe que a deixasse ir para a casa do seu pai”, liberando-o para que tomasse o rumo que quisesse²².

Todavia, em outra passagem do cáustico diário, o autor narra encontro que tivera com o advogado Ademar Tavares²³, que afirma ter sido o patrocinador do desquite do casal, acrescentando fatos como o abandono do lar conjugal no subúrbio carioca da Boca do Mato, pela mulher, que viria a se casar na Igreja Presbiteriana com um caixeiro, que depois a deixaria²⁴.

Deixo de transcrever os detalhes narrados, inclusive a reconciliação no leito de morte da esposa²⁵, pois, além de trazer alguns fatos e detalhes incompatíveis com a realidade, o que descaracteriza a confiabilidade da fonte²⁶, são perfeitamente dispensáveis neste rápido traçado da vida do poeta.

Havia a informação de que, depois de viúvo, ele teria contraído novo casamento em 1930, como menciona Humberto Fonsêca de Lucena, aludindo a que Pereira da Silva teria conhecido o amor da sua vida na Rua Paulo de Frontin, no Rio de Janeiro, onde morava²⁷, mas sem declinar o nome da consorte. O único neto vivo do poeta, Jorge Luís Pereira da Silva, residente no Rio, onde atua como radialista na Rádio Tupy, afirma nunca ter ouvido falar que o seu avô houvera convolado segundas núpcias.

No entanto, como me disse o próprio Jorge Luís, este contava apenas 16 anos de idade quando o seu pai, Hélio, faleceu, e os assuntos da vida privada do avô A.J. Pereira da Silva não eram objeto das conversas do adolescente em casa.

Aprofundando a pesquisa, em um primeiro momento, descobri como era conhecida a companheira última do poeta: Antonieta, referida em dois trechos do mencionado discurso de posse de João Lyra Filho, valendo a transcrição de um deles, em que o orador narra o casamento do poeta já “idoso”, aos 54 anos de idade, daí por que diria à Dona Antonieta, com ▶



Pereira da Silva chegou a ser nomeado Promotor Público, mas pediu exoneração. No Rio de Janeiro, atuou como jornalista e crítico literário, ajudando a fundar o vespertino 'A Noite', criado por Irineu Marinho e berço das futuras Organizações Globo

“quem se desposou, que ela gostava mesmo era dos seus versos. Pereira da Silva reencontrou a felicidade perto da última fronteira da vida. Muito lhe valeu ao acaso a recompensa consoladora refletida em suas últimas poesias”²⁸. Relendo *Alta Noite*, observei que os poemas “Nosso Romance” e “Bethoven!” são dedicados “A Antonieta, minha esposa”.

Mercê da colaboração do amigo e colega Ivan Lira de Carvalho, integrante da Academia Norteriograndense de Letras, tive acesso à reprodução do assentamento de óbito do poeta, onde consta o nome completo da sua segunda esposa, que seria Antônia dos Santos Pereira da Silva. Na parte final daquele registro, consta a retificação do nome, que aparecera no texto do assentamento como sendo “Antonieta”²⁹. Descobri, por fim, que consta do assentamento do segundo casamento do poeta, realizado em 02 de setembro de 1930, que o seu nome de solteira seria Antônia dos Santos Carneiro³⁰, ao qual acrescentou o apelido do marido. Antonieta nasceu no Rio de Janeiro em 18 de fevereiro de 1897³¹, sendo, portanto, duas décadas mais jovem do que Antônio Joaquim.

Servidor da Justiça

Retomando o tema das suas atividades profissionais, Pereira da Silva consegue ingressar e concluir o curso de direito, no Rio de Janeiro, sendo nomeado, por decreto do 1º Vice-Presidente do Estado do Paraná, em 04 de maio de 1906, para o cargo de Promotor Público na Comarca de São José dos Pinhais³² e transferido depois, por permuta, para a Comarca de Palmeira.

No sítio oficial da ABL consta, equivocadamente, que o cargo para o qual fora nomeado no Paraná seria o de juiz de direito naquele estado (não se referindo ao de promotor)³³. Humberto de Campos deve ter contribuído para o equívoco, ao mencionar em seu *Diário Secreto* que, logo depois de formado, mudou-se para o Paraná, onde assumiu cargo de Juiz de Direito na capital

do estado³⁴ (duplo equívoco, portanto).

Na verdade, o poeta chegou a ser aprovado em segundo lugar no concurso público para provimento do cargo de Juiz de Direito da Comarca de Imbituva, no Paraná, conforme consta de publicação no órgão oficial *A República*, de 29 de julho de 1910. Com certeza não chegou a integrar a magistratura, tanto por conta da segunda colocação em concurso para cargo único, quanto pelo fato de ainda constar da Lista dos Promotores Públicos por antiguidade, publicada em 1911³⁵.

Não sendo talhado para o exercício das funções no Ministério Público, ou mesmo em razão de ter sido “preterido pela política estadual”, como menciona Peregrino Júnior³⁶, pede exoneração e volta ao Rio de Janeiro, “nas alturas de 1911”³⁷, passando a trabalhar na Estrada de Ferro Central do Brasil, atuando como jornalista e crítico literário em diversos jornais e periódicos da Capital, assinando algumas vezes como J. D’Além. Ajudou a fundar o novel *A Noite*, vespertino diário criado por Irineu Marinho em 1911 e berço das futuras Organizações Globo.

Já tendo publicado *Vae Soli*, em Curitiba, e, posteriormente, *Solitudes* (1918), considerada a sua obra-prima, *Beatitudes* (1919), *Holocausto* (1921), *O Pó das Sandálias* (1923) e *Senhora da Melancolia* (editado em 1928, em Paris), é eleito para a Academia Brasileira de Letras em 23 de novembro de 1933, sendo o primeiro paraibano a ocupar cadeira no *Petit Trianon* (a de número 18³⁸), honraria máxima da cultura nacional.

Foi, posteriormente, seguido por Assis Chateaubriand (Cadeira 37, de agosto de 1955 a abril de 1968), José Lins do Rego (Cadeira 25, de dezembro de 1956 a setembro de 1957), José Américo de Almeida (Cadeira 38, de junho de 1967 a março de 1980), Aurélio de Lyra Tavares (Cadeira 20, de junho de 1970 a novembro de 1998), Ariano Suassuna (Cadeira 32, de agosto de 1990 a julho de 2014) e Celso Furtado (Cadeira 11, de agosto de 1997 a novembro de 2004)³⁹. Em 1940, o poeta ararunense, já doente, publicou a última obra, *Alta Noite*.

Por ocasião da escolha de Pereira da Silva para a Casa de Machado de Assis, Alcides Carneiro, que em 1962 viria a fundar a cadeira na Academia Paraibana de Letras, que tem por patrono justamente o poeta ararunense,

enviou o seguinte telegrama ao então interventor da Paraíba⁴⁰, à guisa de fundamento ao pleito de custeio da veste talar acadêmica: “Nosso conterrâneo, Pereira da Silva, eleito para a Academia, precisa de fardão, mas não tem tostão. Pedimos a ajuda da Paraíba, lembrando que ela ainda deve ao poeta o enxoval do batizado”⁴¹. A solenidade de posse, realizada em 26 de junho de 1934, contou com a honrosa presença do ex-Presidente e conterrâneo, Epitácio Pessoa.

Acometido de tuberculose, refugiou-se na região serrana fluminense, onde, apesar da gravidade da moléstia, ainda consegue produzir mais três obras, que permanecem inéditas e desaparecidas: *Os Milagres de Cristo e os Homens de Deus*; *Intranquilidade e Meus Irmãos*, os *Poetas*, referidas em encarte acrescido a algumas das tiragens de *Alta Noite*⁴². Pereira da Silva faleceu aos 67 anos⁴³, em hospital do Rio de Janeiro, sendo o seu corpo velado na Academia Brasileira de Letras e sepultado no Cemitério São João Batista.

Poeta simbolista

Feita essa breve apresentação do poeta nascido nos altos da Serra de Araruna, Chapada da Borborema, retorno à indagação inicial, inquietação que aflorou no final de tarde, na primeira semana do mês de Santana de 2022: por que a vida e a obra de Pereira da Silva não são conhecidas pelo público paraibano e nacional?

Uma primeira razão é de imediato afastada. Com certeza não é pela falta de solidez e qualidade da sua obra poética. Segundo a intelectual e acadêmica Ângela Bezerra de Castro, também com raízes ararunenses, Pereira da Silva é o “nome mais ilustre, o poeta obstinado, o que alcançou projeção nacional incontestável”⁴⁴.

As publicações em jornais cariocas, as avaliações dos maiores críticos do país e a quantidade de obras especializadas que têm por objeto a sua obra poética, mencionadas na profunda e densa pesquisa realizada por Humberto Fonsêca de Lucena, não deixam dúvida acerca de ser A. J. Pereira da Silva um dos maiores nomes da poesia simbolista em nosso país.

Na obra *Poetas e Prosadores do Brasil*, da qual tive conhecimento por intermédio do colega magistrado e intelectual integrante da APL, Alexandre Luna Freire, o crítico e ensaísta fluminense Agrippino Grieco, em-

bora criticando a repetição exaustiva dos temas funestos e depressivos e a natureza elegíaca dos versos, afirma ser “forçoso ver em Pereira da Silva, poeta que não caiu jamais na odiosa vulgaridade e mostrou possuir, em muitas passagens, o dom musical da estrofe, um dos intérpretes do doloroso lirismo da raça. Tudo quanto vem dele tem a fisionomia do seu caráter e a assinatura da sua bondade”⁴⁵.

O iconoclasta Fernando Jorge, no polêmico *A Academia do Fardão e da Confusão*, em que ataca a qualidade literária de vários dos acadêmicos, faz uma defesa de Pereira da Silva contra o ataque racista de um outro imortal e traça um dos poucos elogios encontrados em toda a obra: “Injusto foi o Celso Vieira, ao julgar o valor literário de Antônio Joaquim Pereira da Silva. Este era de fato um grande poeta, mas um grande poeta cheio de tristeza, de desalento, de pessimismo”⁴⁶.

Na abalizada opinião de Hildeberto Barbosa Filho, ensaísta, professor, crítico literário e acadêmico, a poesia de Pereira da Silva é uma espécie de leitura contemplativa e ao mesmo tempo “reflexiva, tanto dos estados de alma, no plano da interioridade, como dos objetos oferecidos ao seu olhar pela realidade exterior”⁴⁷.

O fato de ter sido eleito para a



Obras de Pereira da Silva, lançadas no começo do século 20, asseguraram ao poeta paraibano lugar entre os imortais da Academia Brasileira de Letras

Academia Brasileira de Letras, vindo de origem humilde, sendo pardo no início do Século 20⁴⁸, e sem cargo ou posição de projeção ou maiores empreendimentos na área cultural, exceto as suas próprias poesias e o apoio da imprensa carioca, demonstra o valor extraordinário das suas composições.

Uma segunda possibilidade aventada como causa para o poeta manter-se quase anônimo poderia ser a confusão decorrente da homonímia com outros dois escritores: com João Manuel (J. M. Pereira da Silva, 1817-1898), político e escritor que também integrou a Academia Brasileira de Letras, sendo o fundador de uma das cadeiras, e com o manauara Francisco Pereira da Silva (1890-1973).

Só para ilustrar os equívocos advindos da parença dos nomes, em página da internet, até recentemente, aparecia a fotografia do primeiro como se fosse o retrato do paraibano

Antônio Joaquim⁴⁹. Em outro conceituado sítio sobre a cultura paraibana⁵⁰, bem como na página dedicada ao simbolista na Wikipédia⁵¹ e, o mais curioso, no próprio sítio oficial da Academia Brasileira de Letras⁵², a obra *Poemas Amazônicos*, de 1958, de autoria do segundo, aparece como se fosse obra póstuma do vate paraibano. Mas a homonímia não é razão para o quase esquecimento.

Obras raras e de difícil acesso

O terceiro argumento, contudo, parece explicar o débito da nação para com A. J. Pereira da Silva: as suas obras nunca foram reeditadas e não estão acessíveis ao público. E, para justificar essa hipótese, foi que empreendi a pesquisa, cujos resultados passo a resumir.

Iniciei com pesquisa nos buscadores da internet. Como imaginava, não encontrei as publicações do autor digitalizadas. Ou seja, os estudantes, hoje habituados com a nova realidade do metaverso, não têm como ter contato com a poesia simbolista de Pereira da Silva.

Parti, então, à procura dos alfarabistas. Nos sebos de João Pessoa, nada. No sítio eletrônico “Estante Virtual”, maior e mais conhecida plataforma de intermediação para a venda de livros usados no Brasil, estão disponíveis, é verdade, suas obras, com exceção de *Vae Soli* e *Alta Noite*. Algumas com preços um tanto expressivos para a média do mercado nacional, a demonstrar, mais uma vez, como as obras são raras e de difícil acesso⁵³.

Durante período de férias em Porto Alegre, percorri os numerosos e muito sortidos sebos da capital gaúcha. Em um deles, na Rua Riachuelo, famosa por suas editoras e livrarias, cheguei a exultar quando anunciaram que havia um exemplar de livro do autor em uma filial. A animação logo se dissipou quando constatei que a obra era de J. M. Pereira da Silva, o outro imortal, nascido em Nova Iguaçu-RJ.

Por fim, passei a pesquisar nas bibliotecas públicas e coleções particulares. O ponto de partida não poderia deixar de ser o clássico *Contribuição Para Uma Bibliografia Paraibana*, de Horácio de Almeida, editado em 1994⁵⁴.

Na obra, há referência a que *Solititudes* (1918), o *Pó das Sandálias* (1923) e “*Melancolia*” (1928⁵⁵) podiam ser encontradas, à época, na Biblioteca

Átila Almeida (UEPB, em Campina Grande) e nas bibliotecas particulares de Maurílio de Almeida (Rua das Trincheiras, João Pessoa) e de Eduardo Martins da Silva (Jaguaribe, João Pessoa).

Beatitudes (1919), *Holocausto* (1921) e *Senhora da Melancolia* (1928) estavam disponíveis naqueles mesmos espaços acima referidos e, ainda, no acervo João da Silva Guimarães Barreto, da Biblioteca Central da UFPB.

Com a colaboração da competente e sempre prestativa bibliotecária Dulce Moraes, continuei a pesquisa sobre onde seria possível encontrar as obras de Pereira da Silva.

Nas bibliotecas da Fundação Casa de José Américo, do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, da Academia Paraibana de Letras e na própria Biblioteca Estadual da Paraíba, atualmente localizada no Espaço Cultural José Lins do Rego, maiores referências bibliográficas do nosso estado, inexistem exemplares das obras de A. J. Pereira da Silva.

Na própria Academia Brasileira de Letras, onde o poeta ocupou a cadeira de número 18, não há exemplares da obra seminal, *Vae Soli* (1903), nem de *Senhora da Melancolia* (1928) e do livro derradeiro, *Alta Noite* (1940). Curioso que *Senhora da Melancolia* não consta mais do acervo da Biblioteca da UFPB.

Confirmei com o historiador Wellington Rafael, com quem mantive a conversa da qual resultou o *insight* para este artigo, atual Coordenador de Cultura do município, que na biblioteca pública de Araruna, atualmente desativada, não havia obra do maior intelectual nascido na terra. Seria louvável que no Centro Cultural que está para ser erguido pela administração municipal na casa onde residiu o meu avô Ernesto Targino da Costa Moreira (e onde nasceu o meu pai Epitácio Fialho Moreira) houvesse uma biblioteca específica em local destinado aos dois grandes vates ararunenses: Pereira da Silva e Perylo Doliveira, ambos patronos de cadeiras na Academia Paraibana de Letras.

Vale mencionar que, dentre as homenagens prestadas ao seu ilustre filho, consta do Brasão D’Armas de Araruna o nome de Pereira da Silva, encimado pelas suas iniciais (PS) la-deando a representação pictórica de uma pena, dentro de um livro aberto. No hino oficial do município, uma outra homenagem: “Pelos letras és tu

a primeira; Conquistando um título ideal; Majestosa feliz, sobranceira; Como Mãe do primeiro imortal”.

Voltando à pesquisa sobre o paradeiro das obras, em encontro fortuito e proveitoso com o médico e acadêmico Astênio Fernandes, em restaurante de João Pessoa, tomei conhecimento de que o acervo de Átila Almeida, constitui atualmente a Biblioteca de Livros Raros Átila Almeida, continuando a funcionar, com acesso restrito e cuidadoso, no campus principal da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, na Rua Baraúnas, 351, Bodocongó, em Campina Grande⁵⁶, e confirmei em contato com a bibliotecária responsável que lá continuam preservadas todas as obras de Pereira da Silva (menos *Vae Soli*), como mencionado no livro de Horácio de Almeida, de 1994.

A biblioteca do médico e historiador Maurílio Augusto de Almeida, falecido em 1998, pesquisador e estudioso da obra de Pereira da Silva, é mantida no mesmo endereço da Rua Trincheiras por seu filho, o médico Fábio Rocha, aos cuidados da historiadora Monique Citadino. Fui informado de que todo o acervo está sendo digitalizado, o que será de grande importância para a disseminação da obra do simbolista ararunense⁵⁷.

Ainda não consegui desvendar o paradeiro do acervo do grande bibliógrafo Eduardo Martins da Silva, colega de meus pais na Caixa Econômica Federal, já falecido, cuja casa em Jaguaribe cheguei a frequentar, sempre me impressionando com a quantidade de livros organizados pelos cômodos do prédio, que fazia as vezes, ao mesmo tempo, de biblioteca e de residência. Dos autores paraibanos, mantinha todas as edições de todas as obras até então publicadas.

Em 1962, Alcides Carneiro já mencionava a dificuldade de acesso às obras de A. J. Pereira da Silva, especialmente *Vae Soli*, editado nos albores do século passado na então provinciana capital paranaense: “O seu primeiro livro, que hoje só é visto em mãos avaras, de conteúdo tão amargo (...)”⁵⁸.

Em visita ao meu conterrâneo, amigo e grande historiador, Humberto Fonsêca de Lucena, constatei o que já desconfiava: ele deve ser o único intelectual que possui todos os exemplares da obra exponencial de Pereira da Silva, de quem é profundo conhecedor. Com a sua fidalguia e

▶ desprendimento, facultou-me digitalizar as obras do poeta até então por mim não localizadas, inclusive o único exemplar conhecido de *Vae Soli*.

O acaso prega peças e muitas vezes oferece oportunidades jamais alvi-tradas. Saindo da casa de Humberto Lucena, e já dando por encerrada a busca que vinha empreendendo, fui visitar o ateliê da artista plástica paraibana Marlene Almeida, a fim de transmitir-lhe convite para ilustrar a capa da nova edição da Revista Parahyba Judiciária⁵⁹.

Em meio à conversa, mencionei de onde estava vindo e a pesquisa que estava empreendendo. Para minha surpresa, ela me informou que todo o acervo do bibliógrafo Horácio de Almeida, antes mencionado, tio do seu marido, Antônio Augusto, encontrava-se lá mesmo, disposto, organizado e catalogado na ampla biblioteca da sua residência e oficina de arte. E lá estão, a salvo, seis dos volumes da obra de Pereira da Silva, com exceção de *Vae Soli*.

Livro centenário

Eu disponho, em meu modesto acervo de autores paraibanos, das edições originais de *Holocausto*, *Senhora da Melancolia* e *O Pó das Sandálias*, este último, com o perdão do trocadilho, de tão corroído pela ação do tempo, “está só o pó”...

E por mencionar esta última obra, oportuno lembrar que, no próximo ano, comemora-se o centenário da sua primeira edição. Não haveria momento mais oportuno para o resgate, ao menos parcial, da dívida histórica para com Pereira da Silva.

Fica aqui um “protesto” no sentido da amortização daquele débito. Seria o momento em que as instituições culturais, paraibanas e nacionais, poderiam inserir em seus sítios na internet links de acesso às edições digitalizadas das obras de A.J. Pereira da Silva.

Vale mencionar que os aspectos patrimoniais da obra do poeta já caíram em domínio público, desde 1º de janeiro de 2015, início do ano seguinte aos 70 anos da morte do autor, ocorrida em 11 de janeiro de 1944⁶⁰.

Não tenho esperanças, contudo, de encontrar as três obras inéditas do ararunense ilustre. Disse-me o seu neto, Jorge Luís Pereira da Silva, que não tem a menor ideia sobre o paradeiro dos originais. Tome-se, no entanto, o mistério como desafio para o prosseguimento das buscas⁶¹.

As editoras vinculadas aos órgãos

públicos, a exemplo de A União e da Editora da Universidade Federal da Paraíba, ou mesmo da Editora Globo, em tributo ao jornalista que ajudou Irineu Marinho, pai de outro imortal da Academia Brasileira de Letras, a fundar A Noite, poderiam começar o resgate histórico e literário imprimindo a segunda edição de *O Pó das Sandálias*, um século após o seu lançamento, uma das obras principais que ajudou a consolidar a produção poética de um paraibano, o primeiro a ter assento na Casa de Machado de Assis. ✦



FOTO: REPRODUÇÃO/ACERVO ROGÉRIO FILHO

O difícil acesso às obras do poeta ararunense o torna um nome pouco lembrado da história cultural do Brasil, em especial da Paraíba

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Horácio de. Contribuição para uma bibliografia paraibana. João Pessoa: A União, 1994.
- BARBOSA FILHO, Hildeberto. Arrecifes e lajedos: breve itinerário da poesia na Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.
- CAMPOS, Humberto de. Diário Secreto, vol. I. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1954.
- CARNEIRO, Alcides; ALMEIDA, Horácio. Discursos de Posse e Recepção na Cadeira 34 da Academia Paraibana de Letras, em 3 de novembro de 1962. João Pessoa: A União, 1964.
- DA SILVA, Hélio Pombo. A inútil jornada (Excertos da minha vida). Rio de Janeiro: brochura (32 p.), 1967.
- GRIECO, Agrippino. Poetas e prosadores do Brasil. [Capa de Infante do Carmo] Lisboa: Ed. “Livros do Brasil”, 1968, 314 p. (Coleção Livros do Brasil).
- JORGE, Fernando Pedro Alves. A Academia do Fardão e da Confusão: a Academia Brasileira de Letras e os seus “imortais” mortais. São Paulo: Geração Editorial, 1999.
- JÚNIOR, Peregrino. Discurso de Posse na Cadeira 18 da Academia Brasileira de Letras: Vida, tristeza e morte de Pereira da Silva. Rio de Janeiro, 25.07.1946. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/peregrino-junior/discurso-de-posses>. Acesso em 15 ago. 2022.
- LYRA FILHO, João. Discurso de Posse como sucessor de Alcides Carneiro, na Cadeira n. 34 de que é patrono PEREIRA DA SILVA (4 de maio de 1977). Plaqueta editada pela Academia Paraibana de Letras. João Pessoa: 1977.
- LOPES, Nei. Dicionário Literário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011.
- LUCENA, Humberto Fonsêca de. A. J. Pereira da Silva, primeiro paraibano da Academia Brasileira de Letras; prefácio de Ângela Bezerra de Castro. João Pessoa: A União, 1993.
- MOISÉS, Massaud. História da Literatura Brasileira: Simbolismo. São Paulo: Editora Cultrix, 1984.
- MURICY, Andrade. Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Poesia Simbolista-Antologia. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

▶ Notas

1 Professor Adjunto de Direito Civil na Universidade Federal da Paraíba- UFPB. Mestre em Direito pela Faculdade Damas da Instrução Cristã-FADIC. Especialista em Direito Processual Civil pela UNB. Doutorando em Direito pela Universidade de Marília-UNIMAR. Desembargador Federal no Tribunal Regional Federal da 5ª Região. Presidente da Comissão de Memória da Justiça Federal na 5ª Região. E-mail: meneses.rf@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-3606-5909>.

2 LUCENA, Humberto Fonsêca de. A. J. Pereira da Silva, primeiro paraibano da Academia Brasileira de Letras; prefácio de Ângela Bezerra de Castro. João Pessoa: A União, 1993, p. 9.

3 CARNEIRO, Alcides; ALMEIDA, Horácio. Discursos de Posse e Recepção na Cadeira 34 da Academia Paraibana de Letras, em 3 de novembro de 1962. João Pessoa: A União, 1964, p. 15.

4 A cadeira 34 da Academia Paraibana de Letras é ocupada atualmente pelo historiador, professor universitário e juiz de direito emérito Humberto Mello.

5 Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/pereira-da-silva-j>. Acesso em: 8 ago. 2022.

6 MOISÉS, Massaud. História da Literatura Brasileira: Simbolismo. São Paulo: Editora Cultrix, 1984, p. 104; MURICY, Andrade. Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952, p. 218; e BARBOSA FILHO, Hildeberto. Arrecifes e lajedos: breve itinerário da poesia na Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001, p. 129.

7 Em seu discurso de posse, João Lyra Filho junta fac-símile do batistério do poeta ararunense, do qual consta que, no dia do batizado, em 12.3.1877, a criança contava 4 meses e 6 dias de nascido. Fazendo os cálculos, o orador concluiu que a data de nascimento só poderia cair em 6 de novembro de 1876 (LYRA FILHO, João. Discurso de Posse como sucessor de Alcides Carneiro, na Cadeira n. 34 de que é patrono PEREIRA DA SILVA (4 de maio de 1977). Plaqueta editada pela Academia Paraibana de Letras. João Pessoa: 1977, p. 6).

8 Op. cit., p.15.

9 “- Coitado do Pereira! - diz-me Castro Meneses. - É bom como ninguém. E, no entanto, desde a infância carrega uma cruz. E com a sua imaginação poderosa:- Não sabes a história do Pereira? É uma tragédia. O Pereira é filho de um marceneiro da Paraíba. Era êle pequeno quando o pai morreu, deixando a família na miséria. Depois do enterro, a família foi à oficina, para entregar aos credores o pouco que ali havia. Uns ficaram com os raros móveis existentes, outros com as tábuas e a ferramenta. A um canto, havia uma cruz de madeira, da altura de um homem. Ninguém a quis. Ficou para o Pereira, que ainda hoje a tem, e que a vem carregando pela vida” (CAMPOS, Humberto de. Diário Secreto. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1954, vol. I., p. 22-23).

10 No dia 5 de março de 1917, Humberto de Campos anota em seu implacável diário: “Magro, rosto chupado, pele escura de mulato, é uma figura que inspira simpatia e dó, essa, de Pereira da Silva. A sua roupa escura, surrada, dá a impressão de ter sido comprada de segunda mão, ou melhor, de segundo corpo. Nunca se o viu com um terno novo. É uma coruja feito homem. E êsse homem, que tem alma de santo, canta como as corujas. O seu canto é um agouro. Jamais a sua lira desferiu um som alegre, uma nota jovial. A sua musa vive de joelhos, a cabeça perpétua de cinza” (CAMPOS, Humberto de. Diário Secreto. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1954, vol. I., p. 22-23).

11 JÚNIOR, Peregrino. Discurso de Posse na Cadeira 18 da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 25.07.1946. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/peregrino-junior/discurso-de-posse>. Acesso em 15 ago.2022.

12 Humberto de Campos, em seu Diário Secreto, refere-se em alguns trechos à circunstância de que Ercelina, pelo menos no final da vida, morava no Rio de Janeiro. Mas é possível que não tenha se mudado para a Capital logo quando o filho adolescente deixou Araruna (CAMPOS, Humberto de. Diário Secreto. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1954, vol. I., p. 381-382). Localizei o registro do óbito da mãe de Pereira da Silva, ocorrido no Rio de Janeiro, onde residia, em 08.09.1943, poucos meses antes do filho, estando o seu nome de casada em segundas núpcias grafado como Maria

Ercelina de Almeida Albuquerque, natural do Rio Grande do Norte, sendo viúva de Alfredo Arthur de Almeida Albuquerque, com quem se casara na Parahyba do Norte. No Jornal A Noite, edição de 10.12.1930, constou o anúncio em que a viúva e o enteado Dr. Antônio Joaquim Pereira da Silva anunciavam o falecimento do “Major” Alfredo Arthur.

13 Hildeberto Barbosa Filho afirma que: “Devido a sua participação na rebelião dos alunos, em 1897, é forçado a voltar a Araruna” (BARBOSA FILHO, Hildeberto. Arrecifes e lajedos: breve itinerário da poesia na Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001, p. 129). Entretanto não há qualquer notícia de que Pereira da Silva tenha sequer visitado posteriormente a sua terra natal.

14 CARNEIRO, Alcides; ALMEIDA, Horácio. Discursos de Posse e Recepção na Cadeira 34 da Academia Paraibana de Letras, em 3 de novembro de 1962. João Pessoa: A União, 1964, p.26.

15 Rocha Pombo foi eleito para a cadeira 39 da ABL em março de 1933, já bastante doente, tendo falecido em junho daquele ano sem que tivesse acontecido a solenidade de posse. Mesmo assim é considerado o terceiro ocupante da cadeira que tem hoje como titular o advogado e intelectual pernambucano José Paulo Cavalcanti, autor da mais densa e profunda biografia sobre o poeta lusitano Fernando Pessoa.

16 Op. cit., p. 13.

17 Hélio, filho único de A.J. Pereira da Silva, nasceu em São José dos Pinhais-PR, em 04.09.1907. Artista, tocava piano na noite carioca. Localizei, inclusive, partitura de composição sua, um fox-trot dedicado “à Senhorita Cacilda Nogueira Pinto”, que viria a ser a sua esposa, publicada no Jornal das Moças de 19.01.1933. Hélio, ao que parece, herdou do pai a melancolia expressa em seus textos, a começar pelo título do livro de 1967, A Inútil Jornada (Excertos de minha Vida), escrito um ano antes da sua morte. Um dos capítulos é nomeado de “As duas faces de minha mãe”. O único neto ainda vivo do poeta, Jorge Luís Pereira da Silva, nascido em novembro de 1951, informou-me que o seu pai, Hélio, teve um outro filho, Paulo Sérgio Pereira da Silva, nascido em janeiro de 1938 e falecido no ano 2.000 e tem conhecimento de um outro irmão que seria mais velho, chamado “Julinho”, falecido em tenra idade. Nas pesquisas que empreendi localizei o registro do óbito desse primogênito de Hélio e Cacilda, Júlio Cezar Pereira da Silva, falecido em 01.06.1938, quando contava 1 ano 8 meses e 13 dias.

18 Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/pereira-da-silva-j/biografia>. Acesso em 8 ago. 2022.

19 O nome da sua mãe era Carmelita Azambuja da Rocha Pombo, como consta da certidão alusiva ao primeiro casamento de Pereira da Silva.

20 Maria Rocha Pombo Pereira da Silva é também o nome que consta do assentamento do casamento do filho Hélio com Cacilda Nogueira Pinto, realizado em 14.12.1935.

21 A data do falecimento da primeira esposa consta da sua certidão de óbito e também da 2ª página do assentamento do segundo casamento de Pereira da Silva.

22 Op. cit, p. 23

23 Ademar Tavares da Silva Cavalcanti, poeta, advogado, professor de direito penal, desembargador e presidente do Tribunal de Justiça do então Distrito Federal, nascido em Recife e radicado no Rio de Janeiro, proferiu o discurso de recepção a Pereira da Silva na Academia Brasileira de Letras, instituição que chegou a presidir em 1948. Em artigo de 1925, republicado na revista Vida Doméstica, edição de outubro de 1945, Ademar Tavares assim descreve Pereira da Silva: “Se Deus concedesse à Bondade andar pelo mundo, a Bondade seria êsse Antônio Joaquim Pereira da Silva, êsse príncipe da sua geração de poetas, essa sensibilidade maravilhosa de artista, êsse encanto de criatura que minha pena não sabe definir...” (p.115).

24 Op. cit., p. 381-383

25 “O nosso Pereira foi, perdoou-lhe o perjúrio, assistiu-lhe à morte, fêz-lhe o entêrro, e ficou tão triste como se tivesse ficado viúvo da mais virtuosa das espôsas.” (Op.cit., p. 382).

- 26 O Diário Secreto, publicado após a morte de Humberto de Campos, apresenta retrato mordaz da sociedade carioca, trazendo certas coscuvilhices da época, devendo avaliar-se com cuidado a possibilidade de toma-lo como fonte de fatos históricos ou biográficos.
- 27 Narra Humberto Fonsêca de Lucena que “Com o carinho da esposa e na companhia do único filho, Hélio,- do primeiro casamento-pôde reconstruir seu novo lar” (Op. cit., p. 14).
- 28 LYRA FILHO, João. Discurso de Posse como sucessor de Alcides Carneiro, na Cadeira n. 34 de que é patrono PEREIRA DA SILVA (4 de maio de 1977). Plaqueta editada pela Academia Paraibana de Letras. João Pessoa: 1977, p 26.
- 29 A menção ao hipocorístico “Antonietta”, quando da declaração inicial, posteriormente retificada, deve ter decorrido do fato do declarante do óbito, ocorrido na véspera, ter sido o Porteiro da Academia Brasileira de Letras, que deveria conhecê-la por aquele nome que costumava usar.
- 30 Há retificação do nome na lateral da certidão de casamento.
- 31 Os seus pais eram Sylvano dos Santos Carneiro e Maria Antônia Gonçalves.
- 32 Nomeado pelo Decreto n. 182, publicado no Jornal “A República” de 07.05.1906.
- 33 Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/pereira-da-silva-j/biografia>. Acesso em 8 ago. 2022.
- 34 Op. cit., p. 381.
- 35 Lista elaborada pelo Superior Tribunal de Justiça do Paraná em que consta como o sexto promotor mais antigo no estado.
- 36 João Peregrino Júnior da Rocha Fagundes, médico, jornalista e contista, nascido em Natal e radicado no Rio de Janeiro, proferiu brilhante e rico discurso ao suceder a Pereira da Silva na Academia Brasileira de Letras. JÚNIOR, Peregrino. Discurso de Posse na Cadeira 18 da Academia Brasileira de Letras: Vida, tristeza e morte de Pereira da Silva. Rio de Janeiro, 25.07.1946. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/peregrino-junior/discorso-de-posse>. Acesso em 15 ago.2022.
- 37 CARNEIRO, Alcides; ALMEIDA, Horácio. Discursos de Posse e Recepção na Cadeira 34 da Academia Paraibana de Letras, em 3 de novembro de 1962. João Pessoa: A União, 1964, p.38.
- 38 A cadeira de número 18 da Academia Brasileira de Letras, que tem por patrono João Francisco Lisboa, é ocupada atualmente pelo jornalista, historiador e filósofo carioca Arnaldo Niskier.
- 39 Sobre as eleições de Rocha Pombo e do seu genro Pereira da Silva, Humberto de Campos tece ácidas críticas aos critérios utilizados nas escolhas para a ABL, que ele próprio integrou, aludindo a que “Rocha Pombo, agora eleito por um movimento de piedade coletiva, bateu cinco ou seis vezes à porta da Academia. Pereira da Silva, que vai entrar na vaga de Luís Carlos em homenagem à memória de Luís Carlos, foi candidato oito ou dez vezes” (CAMPOS, Humberto de. Diário Secreto. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1954, vol. I., p. 356)
- 40 Há referência a que o interventor da Paraíba, a quem destinado o telegrama, seria Castro Pinto. Entretanto, aquele político governou a Paraíba entre 1912 e 1915, quando se mudou em definitivo para o Rio de Janeiro. Nunca foi interventor. Os três interventores no período foram José Américo de Almeida (nov-dez/1930), Anthenor Navarro (1930-1932) e Gratuliano de Brito (1932-1934), este último o interventor à época da escolha de Pereira da Silva para a Academia Brasileira de Letras.
- 41 Op. cit., p. 41.
- 42 Peregrino Júnior, no discurso de posse sucedendo Pereira da Silva na cadeira 18 da ABL, afirma que “Dois volumes inéditos deixou ele: um contendo dois poemas – “Os homens de Deus” e “Milagres de Cristo”; o outro, mais dois: “Intranqüillidade” e “Meus irmãos, os poetas” (JÚNIOR, Peregrino. Discurso de Posse na Cadeira 18 da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 25.07.1946). Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/peregrino-junior/discorso-de-posse>. Acesso em 15 ago. 2022.
- 43 Em algumas biografias é mencionado o óbito aos 68 anos de idade. Mas partindo do pressuposto de que nasceu em novembro de 1876, como deduzido dos marcos temporais constantes do seu batistério e tendo falecido em 11 de janeiro de 1944, a conclusão a que se chega é a de que morreu aos 67 anos, idade, inclusive, indicada no seu registro de óbito.
- 44 Prefácio da obra de Humberto Fonsêca de Lucena, A. J. Pereira da Silva, primeiro paraibano da Academia Brasileira de Letras. João Pessoa: A União, 1993.
- 45 GRIECO, Agrippino. Poetas e prosadores do Brasil. [Capa de Infante do Carmo] Lisboa: Ed. “Livros do Brasil”, 1968, 314 p. (Coleção Livros do Brasil), p. 75-76.
- 46 JORGE, Fernando Pedro Alves. A Academia do Fardão e da Confusão: a Academia Brasileira de Letras e os seus “imortais” mortais. São Paulo: Geração Editorial, 1999, p. 176.
- 47 BARBOSA FILHO, Hildeberto. Arrecifes e lajedos: breve itinerário da poesia na Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001, p. 131-132.
- 48 Humberto de Campos refere-se a Pereira da Silva como tendo “pele escura de mulato”. Nei Lopes em seu Dicionário Literário afro-brasileiro, no verbete relativo ao poeta paraibano, refere-se à ironia de Agrippino Grieco alusiva à simplicidade e a cor da pele de Pereira, que seria “filho natural de Santa Terezinha com São Benedito” (LOPES, Nei. Dicionário Literário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011).
- 49 Disponível em: http://www.antonimiranda.com.br/poesia_brasis/paraiba/pereira_da_silva.html. Acesso em 8 ago. 2022.
- 50 Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/antonio-joaquim-pereira-da-silva/>. Acesso em 8 ago. 2022.
- 51 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Joaquim_Pereira_da_Silva. Acesso em: 8 ago. 2022.
- 52 Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/pereira-da-silva-j/bibliografia>. Acesso em: 8 ago. 2022.
- 53 Holocausto, oferecida a R\$ 380,00 e Beatitudes, a R\$ 250,00
- 54 ALMEIDA, Horácio de. Contribuição para uma bibliografia paraibana. João Pessoa: A União, 1994.
- 55 Pelo ano indicado como sendo o da edição (1928) a obra referida apenas como “Melancolia” deve ser “Senhora da Melancolia”.
- 56 <https://bibliotecaatilaalmeida.uepb.edu.br>.
- 57 Atualmente, além das obras referidas por Horácio de Almeida em 1994, consta do acervo de Maurílio de Almeida também Holocausto, Beatitudes, Senhora da Melancolia e Alta Noite.
- 58 Op. cit., p.26.
- 59 A revista editada pela Justiça Federal da Paraíba, com artigos acadêmicos de juristas nacionais e estrangeiros, desde o ano de 2015, traz em sua capa obras de importantes artistas plásticos paraibanos: Flávio Tavares, Régis Cavalcanti, Raul Córdula e Alexandre Filho. Marlene Almeida, que utiliza em seus quadros não as tintas convencionais, mas sim pigmentos que extrai de areia, argila e pedras que coleta em pesquisas por todo o país, será a homenageada do próximo número do periódico
- 60 A Lei 9.610, de 19.02.1988, que cuida dos direitos autorais no Brasil, dispõe em seu Art. 41 “ Os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento, obedecida a ordem sucessória da lei civil”.
- 61 Uma pista pode ser a informação que consta da Revista Singrando Horizontes: “A viúva do acadêmico Antônio Joaquim Pereira da Silva, doaria posteriormente, a preciosa Biblioteca do poeta ao seu particular amigo, Luiz Otávio, que, por sua vez, ao transferir residência para Santos, em 1973, doou parte desse valioso acervo, juntamente com livros de sua própria estante - num total de mil exemplares devidamente catalogados - à Academia Santista de Letras, que só então teve formada sua Biblioteca”, sendo a única exigência do doador a de que na sala da coleção constasse uma estante com placa contendo o nome de A.J. Pereira da Silva (<https://singrandohorizontes.blogspot.com/2007/?m=1#:~:text=A%20viúva%20do,formada%20sua%20Biblioteca>). ❖

Ato completo

Eu me cansei

do que é quase,
do que é sempre metade,
do que ficou por um triz.

Eu me cansei
do talvez, da incerteza,
do que só insinua
e não define, não diz.

Quero a clareza do verbo,
o ato completo,
o sentimento aberto,
revelado, inteiro.

Quero, pois, o que vale,
de tudo, a pena,
o risco de ser, bem ou mal,
verdadeiro.

Entrelinhas

Se trago a noite comigo,
acendo os versos em cores,
na rubra face de amores,
raro sossego de abrigo.

E chamo ao leito de morte
senhora clara verdade,
aceno adeus p'ra saudade,
estrada longa sem norte.

Componho letras de alento,
sob um céu de asa tardia,
que faz voar poesia
à beira de qualquer vento.

Das horas gastas em pranto,
ao tempo de realejo,
relembro o gosto do beijo,
a causa plena de espanto.

Entre essas linhas me oculto,
no avesso fundo, e sozinho,
vem a dor feita de espinho,
não passo de um simples vulto.

Mas oferto os meus poemas
em canto lírico, um sopro,
bem mais alma do que corpo,
tão libertos das algemas.

Da pena do poeta

Às vezes

da pena do poeta,
surgem versos mais solares,
de corpo, alma e razão,
no assombro, em delírio,
do encanto na intenção.

Às vezes

da pena do poeta,
nascem versos de sangue,
em altar de sacrifício,
de denúncia, protesto,
na loucura, do vício.

Às vezes

da pena do poeta,
vêm o raso e o estéril,
em inércia, no vazio,
versos tão decadentes
de um poema baldio.

Às vezes

dá pena do poeta....

Meu verso

Meu verso bem chega a diversos lugares,
cavalga por campos, planícies e montes,
navega por rios, avança horizontes,
aos céus, no alto voo das asas em pares.
E, então, rodopia descendo aos algares,
no anelo de tudo no mundo alcançar.
À brisa se impõe vento forte a soprar,
tem fôlego, não para, nunca sossega,
que, tanto ligeiro, ao descanso se nega...
– Meu verso é galope na beira do mar.

Redes

Da minha rede
pendurada na varanda,
para as horas
inertes
de um dia sossegado,
observo, de repente,
entre as plantas,
uma aranha
na sua teia,
rede de bordado.
Ela espera,
na calma de ciranda,
a vinda para o seu lado
do inseto,
que, em avessa
contradança,
cairá na armadilha,
condenado.
Percebo, então,
aturdido,
o que me alcança,
insidioso,
num avanço
tão calado...
Semelhante ao inseto,
em redes
virtuais tantas,
sou eu que me permito
ser aprisionado.

Mahin



ILUSTRAÇÃO: TONIO



Anne Mahin nasceu na estância hidromineral de Cambuquira, MG, e reside há 38 anos no balneário de Guarapari, ES. Tem quatro livros publicados: 'Asas do silêncio', 'Amarelo do Ipê', 'Saíra-apunhalada' (todos de poesia) e 'O que se esconde do sol' (contos). Atualmente está escrevendo o segundo de contos ('Pedra de Mó', título provisório), com a intenção de lançá-lo em 2023.

Em busca de um filho perdido



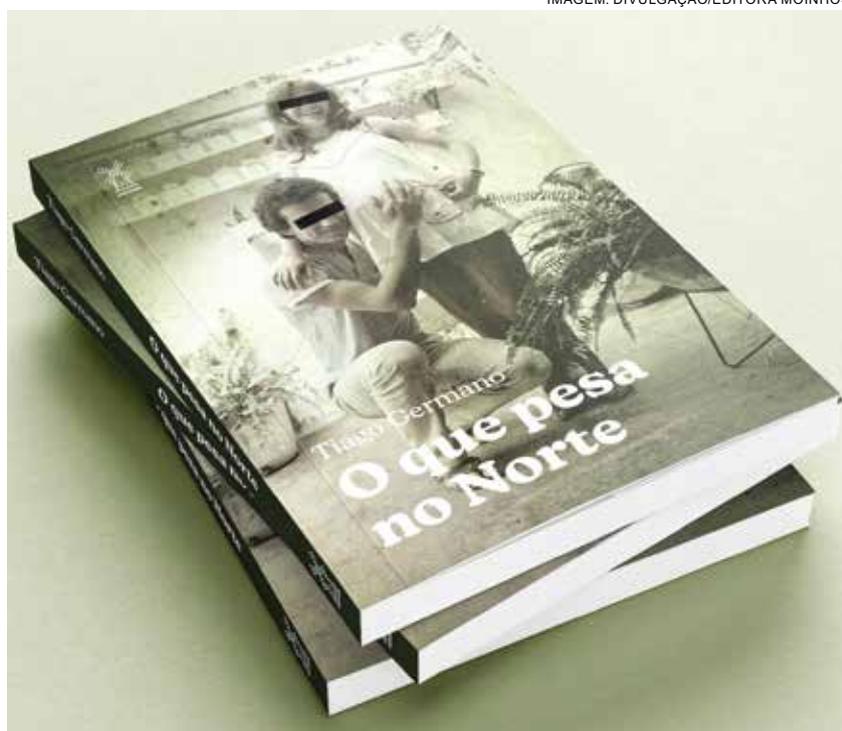
Quando lemos um romance, movimentamo-nos, intencionalmente ou não, ao encontro de um “sentido da vida”, pois “essa questão não é outra coisa que a expressão da perplexidade do leitor quando mergulha na descrição dessa vida”, conforme reflexão de Walter Benjamin¹. Essa perplexidade pode dizer muito de uma condição leitora, quando compreendida a partir dos vários lugares de onde se lê, incluindo o epistêmico e o dos afetos, e corrobora a relevância de se considerar, na análise-interpretação

de uma obra literária, uma coordenação entre o mundo factual (incluindo impressões e subjetividades do leitor) e o mundo da ficção.

Esse movimento de leitura crítica envolve tanto o que diz o livro quanto o que se encontra cá fora na existência real, que inclui vários aspectos inerentes ao leitor – o lugar onde nasce, vive, atua profissionalmente e desenvolve suas relações sociais e parentais. O posicionamento de Antonio Candido² sobre a importância de se dar voz, também, à “intuição literária”, quando se realiza uma leitura crítica, auxilia muito nesse tipo de exercício analítico e interpretativo. É nessa perspectiva, portanto, que leio o romance *O Que Pesa no Norte* (Moinhos, de Belo Horizonte, 2022), do escritor e jornalista paraibano Tiago Germano, compreendendo, sobretudo, que minha perplexidade diante do texto se dá pelas reverberações que ele (o romance) provoca, não apenas por meio da fabulação, mas, também, pela forma como a história é contada.

Levando em conta essa reflexão, é possível perceber alguns “sentidos da

IMAGEM: DIVULGAÇÃO/EDITORA MOINHOS



Novo romance de Tiago Germano narra a busca de um pai por um filho perdido, causa e efeito no processo de figurativização dos personagens

vida” suscitados pelo romance *O Que Pesa no Norte*, ao observar os espaços narrativos ficcionais, em diálogo com os factuais, como mecanismos literários primordiais para a configuração de seus personagens. São espaços demarcados desde o título passando pela epígrafe e atravessando toda a obra. Lugares ficcionalizados, física e metafisicamente, numa tensão circunscrita pela relação entre dois de seus personagens: o pai Ricardo e o filho Guilherme. Tensão essa que resulta no desaparecimento deste e constitui elemento romanesco de causalidade para toda a fabulação, concentrada no trajeto espacial – físico e existencial – da busca do pai pelo seu filho e, conseqüentemente, na caracterização das personalidades de ambos.

Em linhas gerais, o romance conta a história de um pai à procura do filho que some, não porque este foi assassinado ou porque foi raptado por alguém, ou, simplesmente, porque se perdeu: temáticas recorrentes na literatura. Nem tampouco, a causa do sumiço do filho se deve à sua situação econômica que o impulsiona a buscar melhores condições de vida em outro lugar. Guilherme desaparece para não sucumbir na forma violenta, autoritária, opressora como o pai o cria, determinando as escolhas do filho, tanto na área profissional quanto no campo dos afetos e da vida íntima: Ricardo exige que Guilherme curse a faculdade de Direito e trabalhe no escritório do tio; e que seja homem heterossexual. É recorrente no romance, por exemplo, a convocação que Ricardo faz a Guilherme para que tenham uma *conversa de homem para homem*. Mas a suposta orientação homossexual e/ou homoafetiva de Guilherme, além de seu desejo de fazer teatro, são razões suficientes para separá-lo do pai e, assim, criar um espaço abismal entre ambos.

Boa parte do enredo se concentra nessa busca de um pai por um filho perdido, para a qual, um narrador em terceira pessoa une pontas, articula ações e traz para o discurso narrativo lembranças, sentimentos, percepções e falas dos personagens, que vão auxiliando na configuração deles, de forma a caracterizá-los. Para tanto, Germano lança mão de um recurso

literário que alia os tempos presente e passado e os espaços numa espécie de simultaneísmo, ou seja, numa relação de contigüidade, que representa um campo de força literária na arquitetura romanesca, como recurso estético que denota, também, um compromisso ético entre os personagens em si, entre narrador e personagens, entre obra e leitor. Vejamos um trecho:

O avião avança na pista, pronto para decolar, mas a mente de Ricardo retrocede muito mais veloz e prepara-se para levá-lo muito mais longe, muito mais alto. Ana agora segura um recém-nascido no colo, no mesmo canto da cama onde agora há um berço, o cortinado preso no teto como o antro etéreo de um fantasma. [...] Sente o avião descolar-se do chão, galgando o ar como se fossem degraus. O bebê move as pernas e Ricardo se assusta, pensa que pode derrubá-lo a qualquer momento. O avião trepida e o bebê começa a se debater em seus braços. As luzes internas estão apagadas e Ricardo fecha os olhos porque teme a queda. (p.24)

Tal procedimento se repete em algumas passagens da obra e se realiza linguisticamente, conforme se vê nesse trecho exemplar, pelos verbos conjugados no tempo presente do indicativo, mesmo quando as ações indicam reminiscências do personagem Ricardo. Outro recurso de linguagem interessante para a representação dessa contigüidade temporal e espacial, no referido trecho, é o uso de palavra com função adverbial (agora) indicando tempo e espaço, simultaneamente.

Em paralelo aos espaços físicos ocupados e transitados pelo pai, tem-se um espaço/tempo que pode ser interpretado como metafísico, dado o não-lugar ocupado por Guilherme, especialmente, nos contextos narrativos em que o pai procura o filho e não o encontra. Essa busca frustrada se deve não só ao suposto desejo de Guilherme de não ser encontrado, mas, em certa medida, também, à negação dessa paternidade, o que permite compreender a representação dos afetos e desafetos nessa relação parental como força motriz no romance, pois toda a fabulação se encontra, direta ou indiretamente, relacionada a essa força.

Se a condição de desaparecido do filho, naturalmente institui no

personagem um não-lugar, as pistas seguidas pelo pai corroboram, além do seu próprio lugar e da sua identidade, o não-lugar do filho. É como se nos perguntássemos: como falar de alguém se ele está desaparecido? O narrador narra por meio do que subjaz nas pistas, em respeito ao que sugere a narração: o sumiço deliberado do filho. Ao passo que tais pistas não são suficientes para encontrá-lo, elas encaminham o pai para o encontro com *Os Satyros*, companhia de teatro paulistana que tem lugar consagrado na história do teatro brasileiro, dada a sua trajetória marcada pelo reconhecimento da crítica, bem como pelo trabalho social que desenvolve no entorno da Praça Roosevelt, onde se localiza a sede.

No romance de Germano, o destaque para esse grupo de teatro, como perspectiva factual, inclusive com referência a nomes importantes, tem papel fundamental para a configuração do personagem Guilherme, como perspectiva ficcional, tratando-se, assim, de um artifício literário interessantíssimo que alinha, inventivamente, forma e conteúdo. Noutras palavras: o teatro está no romance como elemento externo que se estrutura internamente no texto para se autodiscutir e para “falar” sobre um personagem-ator que está ausente.

○ QUE PESA NO NORTE?

Os versos da canção “Fotografia 3x4”, de autoria de Belchior, ao epigrafarem o romance, funcionam como uma síntese, efeito da relação dialética entre o que se fabula no livro e a estrutura narrativa construída para contar a história. Além disso, a ideia que Belchior traz na sua melodia e letra um tanto melancólicas, especialmente sobre “o que pesa no Norte”, ilustra um processo migratório histórico em nosso país, particularmente do Nordeste para o Sudeste, justificado pela busca de melhores condições de vida, que incluem não apenas as econômicas, mas também, questões mais existenciais.

Na medida em que o romance se desenvolve no sentido de contar a história do filho, que sai de sua terra fugindo da opressão experienciada no seio doméstico, conta a história de seu pai, que não abre mão das

convenções e da moral de uma sociedade patriarcal e opressora, ilustrando bem o verso de Belchior, que Germano toma de empréstimo para intitular seu livro: *O que pesa no Norte*.

Nos versos que seguem a esse – *pela lei da gravidade – / disso Newton já sabia! – cai no Sul, grande cidade –* é possível ler “gravidade” num sentido mais polissêmico e não restrito ao conceito newtoniano, mas significando, também, a qualidade do que é grave, por exemplo, o sumiço de um filho. Uma gravidade tal que leva o pai ao “desnoriteio”, palavra bastante interessante, não somente por aparecer na canção e no romance, mas por referir, na sua estrutura, à palavra “norte” e os seus significados. Interessante observar, na formação da palavra “desnoriteio”, a presença do prefixo de negação e, assim, a sua relação semântica com o não-lugar que Guilherme habita: *Que grande parte da São Paulo que ele também está conhecendo agora, caminhando com um mapa na mão, se construiu à custa do mesmo desnoriteio que ele sente, buscando por caminhos que o levam a Guilherme.* (p. 84)

De que serve o mapa na mão de Ricardo, se os caminhos que podiam levá-lo a Guilherme encontram a barreira do desaparecimento proposital, impulsionado pelo desejo de Guilherme? Ou quando o que pesa em seu norte, provavelmente, é uma suposta tomada de consciência da qualidade de pai que foi (e é) para seu filho? Por exemplo: a referência a Kafka, um dos autores lidos por Guilherme, não é apenas literária; mais do que isso, o escritor tcheco funciona no romance de Germano como a efetivação de um enfrentamento de filho à figura paterna, porém de uma forma bastante radical, ou seja, pelo sumiço.

No entanto, importante notar que tal sumiço, além de representar uma forma de Guilherme romper com o padrão do sistema regido pelo patriarcalo, dominante na sua família e remontado à figura do avô, ele põe em perspectiva suas próprias referências



Tiago Germano toca em complexidades humanas do campo dos afetos e desafios das relações entre pais e filhos

literárias quando, ao contrário de Kafka que produz a sua *Carta ao pai*, escreve cartas à sua mãe Ana.

CAI O PANO

Ao finalizar o romance com a sentença “Cai o pano”, Germano confirma a força que o teatro tem no interior da obra. Além de anunciar fim do espetáculo, “cai o pano” pode representar, no contexto do romance, “estar descoberto” ou “descortinar”, pois Ricardo chega ao final de sua trajetória de busca sem encontrar o filho, porém descobrindo-o por meio de suas preferências artísticas, dos contatos com os amigos, dos trabalhos desenvolvidos pela companhia de teatro da qual faz parte. E, ao passo que descobre o filho, pelo distanciamento espacial, Ricardo também se descobre. Ao transitar pelas ruas de São Paulo, ao final do romance, seguindo rastros da figura fantasmagórica de Guilherme, depara-se com uma espécie de revelação que o leva ao reconhecimento da paternidade negada, pondo em xeque, inclusive, a intencionalidade de Guilherme em optar pelo próprio desaparecimento.

A canção de Belchior, por sua vez, citada em forma de epígrafe do romance, evoca o sentido da síntese porque traz à cena central, pela literatura, um diálogo estabelecido com outros segmentos da arte e reverbera certas impressões leitoras, devidas, especialmente, a um tom melancó-

lico da melodia e da letra da canção, que também caracteriza, em alguma medida, os personagens do romance.

Por fim, no romance de Tiago Germano, dependendo da perspectiva leitora, importa menos as histórias individuais de seus personagens do que o processo de busca de um pai por um filho perdido, porque a própria busca constitui causa e efeito no processo de figurativização dos personagens, bem como da configuração dos tempos e dos espaços narrativos.

A busca por um filho desaparecido na megalópole que é São Paulo, deixando pistas um tanto evasivas, dado o seu suposto desejo de não ser encontrado, é um mote complexo, por meio do qual, Germano toca em complexidades humanas do campo dos afetos e desafios das relações entre pais e filhos. Ajustada a esse conteúdo, tem-se uma estrutura narrativa não menos complexa, o que confere uma qualidade literária imensa ao romance. Essa qualidade se justifica, portanto, por um campo de força de cuja tensão é possível arrebatado o sentido da vida. ✖

¹ BENJAMIN, Walter. “O Narrador”. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 212.

² CANDIDO, Antonio. “Crítica impressionista”. In: *Remate de Males* Antonio Candido: número especial. Unicamp: Campinas, 1999.

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

José Edmilson Rodrigues

Ela

Senti e amei
várias mulheres
em uma só.

A fêmea insólita,
multifacetada
em uma só.

E do espelho, única,
reflexo de tantas outras,
em uma só.

E na minha ilha,
multifária da paixão
em uma só.

E outras saudades
moradas no carinho
de uma só.

É a filha, a mãe,
a mulher múltimoda
de uma só.

E no pódio da vida
a reinvenção no tempo,
ela em elas, numa só.

Ela, rio de água
engajada vida afora,
multimusical: uma só.

Sinto vária e quero
a mesma profunda paixão
em uma só.

Densa, afeição ígnea
que forja vida
em uma só.

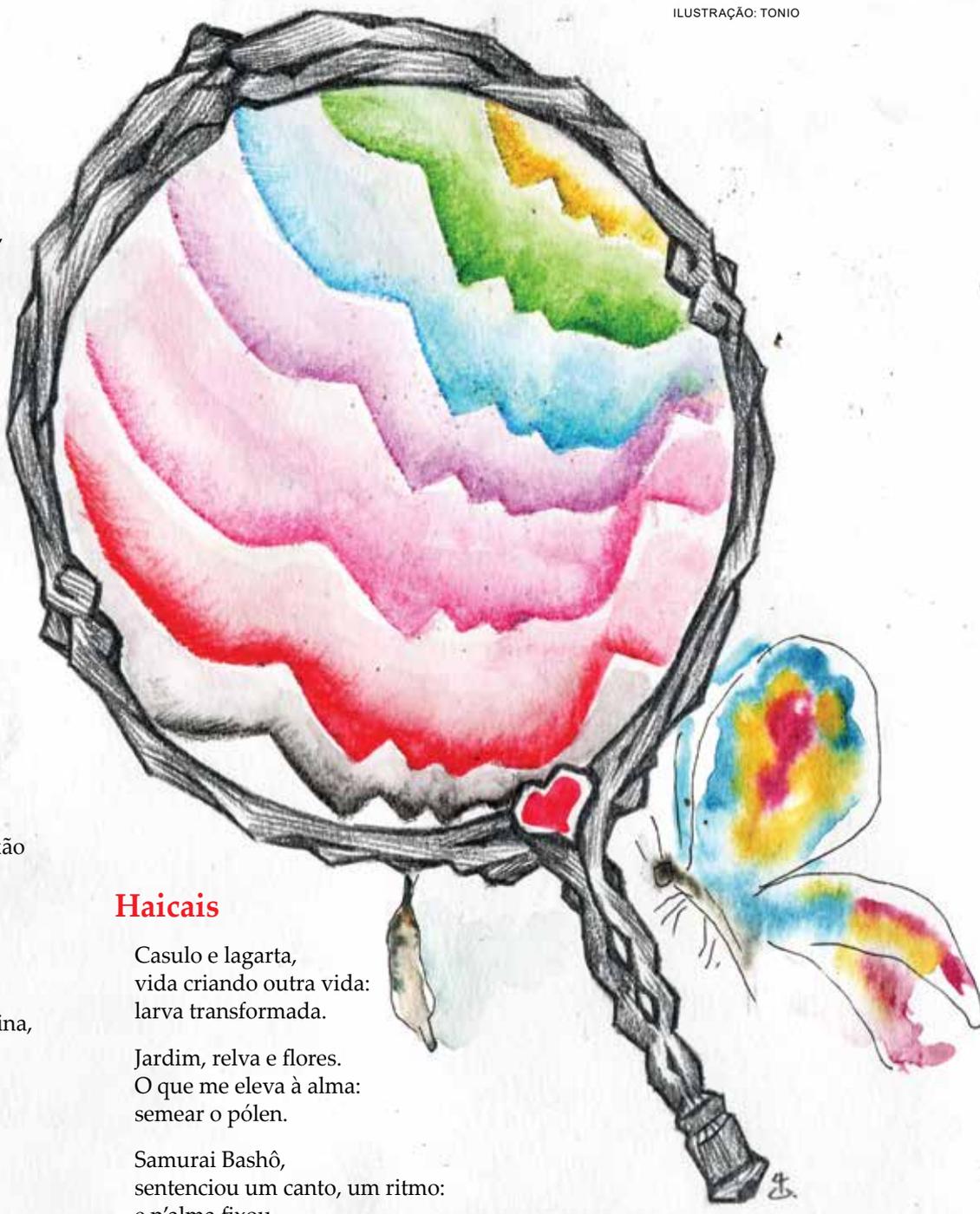
As cores em pele feminina,
heterogênea, e força
em uma só.

Templo de falas:
caminho de futuro,
ela, em uma só.

Ela é pelo que faz,
pelo que produz e ressoa
em uma só.

Sinto e amo
a mesma que olha
e olha em uma só.

ILUSTRAÇÃO: TONIO



Haicais

Casulo e lagarta,
vida criando outra vida:
larva transformada.

Jardim, relva e flores.
O que me eleva à alma:
semear o pólen.

Samurai Bashô,
sentenciou um canto, um ritmo:
e n'alma fixou.

O que só me aparta,
vem como de dentro da alma:
luz, réstia de vida.



José Edmilson Rodrigues, paraibano de Campina Grande, poeta/ensaísta, publicou entre outros livros: *A solidão dos olhos e as vertigens do tempo*. Poesia. Editora Mondrongo, 2018; *A poética do Ridículo - Cronicontos & Ensaios*. Editora Mondrongo, 2019; *Dueto de manhãs*. Haicais. Mondrongo, 2022; colaborador do *Correio das Artes*.

Crônica de mortes revividas

Clemente Rosas
Especial para o *Correio das Artes*

O lançamento do livro da historiadora Ana Maria César, recentemente promovido em conjunto pela Academia Paraibana de Letras e pelo Instituto Histórico da Paraíba, constituiu uma boa oportunidade de conagração, também, para outras entidades culturais, como a Academia de Letras de Cajazeiras, o Instituto Histórico de Campina Grande e a Academia Pernambucana de Letras (embora nascida em Pernambuco, a autora tem fortes raízes paraibanas e sertanejas).

FOTO: DIVULGAÇÃO/CEPE EDITORA



E a mim, particularmente, permitiu rever a ex-presidente da Academia Pernambucana, minha amiga Margarida Cantarelli, e o atual presidente, Lourival Vilanova, companheiro do Seminário de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco, de que ambos participamos, como membros efetivos.

O livro tem como título *Três Homens Chamados João – Uma Tragédia em 1930*, e nele respaldo a minha paráfrase a Garcia Marquez: estas são mortes não anunciadas, mas, ao contrário, revividas. E a mim parece saudável revivê-las, remoê-las, sempre num esforço de compreensão, de empatia em relação aos seus personagens. Pois, como lembrava mestre Ariano, “essas coisas ainda são muito fortes na Paraíba”. Ele mesmo não conseguiu exorcizá-las e morreu sem perdoar os assassinos do seu pai (ver ‘Ariano – O perdão que não veio’, *Correio das Artes*, setembro de 2021).

A autora foge ao padrão dos historiadores ortodoxos, romanceando o relato, sem se prender apenas aos acontecimentos, mas perquirindo a alma dos personagens, sobretudo das vítimas inocentes, como João Suassuna, Augusto Moreira Caldas e Anayde Beiriz. E não vejo nisso nada censurável. Jules Michelet, o grande historiador francês, ao retratar as motivações das massas que avançaram sobre a Bastilha, nos primórdios da Revolução Francesa, não teve atitude diferente.

Muitos são os novos documentos históricos trazidos ao nosso conhecimento: cartas de Anayde, o inquérito policial sobre a sua dolorosa morte, o mais virulento dos artigos de João Dantas contra João Pessoa, que não chegou a ser publicado, cartas de João Suassuna à família, prevendo sua provável morte e rejeitando qualquer veleidade de vingança, detalhes ▶

Historiadora pernambucana, Ana Maria César vai buscar, em documentos inéditos, argumentos que cercam os eventos em torno da morte de João Pessoa

da conflagração no Recife, ao eclodir a revolução que o presidente morto repudiava, e involuntariamente fez brotar, com seu destino trágico.

Quanto às versões da morte dos dois prisioneiros, controversas por algum tempo, já não admitem polêmica, embora detalhes permaneçam obscuros. O historiador José Joffily, em seu livro *Revolta e Revolução – Cinquenta Anos Depois*, adotou a alternativa do suicídio, e o filme de Tizuka Yamazaki, idealizado por seu colega, também cineasta, José Joffily Filho, quase chega a acolhê-la. O roteiro foi modificado, à última hora, por interferência de Ariano Suassuna, que recebeu Tizuka em sua casa e, entre outros argumentos, lhe mostrou uma foto do rosto de João Dantas edemaciado pelas pancadas recebidas dos que o mataram (por isso a foto “oficial” da ocorrência esconde o rosto da vítima atrás da cama onde estaria deitado). A foto foi cedida à família Suassuna com pedido de absoluto segredo pelo fotógrafo Louis Piereck, e eu também a vi, nas mãos de Ariano.

Outra revelação surpreendente é o depoimento premonitório da desgraça deixado por Humberto de Campos, em sua passagem pelo porto de Cabedelo, a caminho do Maranhão, dois dias após a posse do presidente da Paraíba, em conversas com personalidades locais. Está no capítulo 28 do livro póstumo do famoso escritor, *Um Sonho de Pobre*, editado em 1935.

Em seu enérgico discurso de posse, o novo governante, encarando barões feudais protetores de cangaceiros, anunciara perseguição implacável, não só aos malfeitores, como também aos seus coiteiros. Os “coronéis” se retiraram contrafeitos para o interior, sem despedidas, e a impressão deixada ao intelectual maranhense e seus companheiros de viagem foi de que “aquilo não acabaria bem”. De fato, acabou com tiros e sangue. E ficou para o grande cronista a lição de que, mesmo reconhecidas as nobres motivações do novo governante, lhe teriam faltado prudência, serenidade e moderação. Para concluir que “a política é uma ciência muito mais complicada do que se supõe”.

Enfim, o livro é uma valiosa contribuição à revisita do grande drama que marcou, e ainda marca, a história da Paraíba, sobretudo pela atitude

compassiva em relação a todos os seus atores, sem atribuir culpas nem endossar condenações. Merece a leitura de todos os nossos conterrâneos.

E como prova da minha leitura atenta, e para não me limitar à simples louvação à autora, cujos méritos são incontestes, aponto, ao final deste comentário, alguns lapsos de informação, que podem ser corrigidos numa segunda edição, aliás bem provável, pois a obra já mereceu uma reimpressão, menos de dois anos após lançada. A saber:

Em primeiro lugar, a autoria das belas epígrafes deveria ficar abaixo delas, nunca em um anexo, onde muito do seu efeito é reduzido.

Na página 39, a referência correta é ao porto de Sanhauá. Na página 60, o trem para Cabedelo não se tomava no Ponto de Cem Réis, mas na Cidade Baixa, como até hoje. Na página 87, a morada de João Pessoa em Recife era na casa do tio, Antônio Pessoa, equivocadamente referido como seu

Na obra, autora foge ao padrão dos historiadores ortodoxos, romanceando o relato, sem se prender apenas aos acontecimentos, mas perquirindo a alma dos personagens

irmão. Na página 157, o navio que transportou o cadáver de João Pessoa chamava-se Rodrigues Alves. Na página 206, o nome do delegado da cidade de Teixeira, Ascendino Feitosa, aparece corretamente, mas não na página 208, logo adiante. Na página 217, a menção à família de industriais Lundgren é equivocada: eles eram de origem sueca, não alemã. Na página 218, Agildo Barata, no momento da Revolução de 1930, servia na capital da Paraíba, não em Recife. E, finalmente, o civil que se incorporou aos “18 do Forte”, na revolta de 1922, chamava-se Otávio Correia. Como se vê, deslizes que podem comprometer o trabalho, e cuja correção se impõe.

E para encerrar, minhas reverências à Academia Paraibana de Letras e ao Instituto Histórico, pela realização do proveitoso encontro. ✦

Clemente Rosas Ribeiro nasceu em João Pessoa, em 27 de setembro de 1940. É formado em Direito pela Universidade Federal da Paraíba e pós-graduado em Desenvolvimento Econômico. Foi Procurador-Geral da Sudene. Integrou o grupo de poetas conhecido como “Geração 59”. Publicou ‘Praia do Flamengo, 132’, ‘Coco de roda’, ‘Administração & Planejamento’ e ‘Lira dos anos dourados’. Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB).

María Kodama, viúva de Borges

Francisco Gil Messias
gmessias@reitoria.ufpb.br

Para uns, ela é uma aproveitadora, uma usurpadora, uma oportunista; para outros, a fiel guardiã da obra e do legado de Jorge Luís Borges, o grande escritor argentino, de quem foi inicialmente secretária, depois companheira e finalmente esposa. Sobre ela, ainda hoje, paira uma certa nuvem de mistério, que a sua história e a sua própria figura física alimentam. Quem é realmente María Kodama, a controversa viúva de Borges? Heroína ou vilã?

Atualmente, ela está com 85 anos, mas aparenta muito menos. Nascida em Buenos Aires, em 10 de março de 1937, de pai japonês e mãe alemã, sua figura é naturalmente exótica, como não poderia deixar de ser, levando-se em conta sua ascendência. Os traços orientais são evidentes, tornando-a, de cara, uma estrangeira no meio de seus conterrâneos portenhos. Para completar, ela cultiva os cabelos brancos – ou grisalhos, num corpo esbelto e num rosto sem rugas, que lhe dão, pelo menos, vinte anos a menos. Até nisso, ela é um enigma, cujo desvendamento tem desafiado inúmeros jornalistas e escritores, na Argentina e fora dela.

Recentemente, Mario Mac-tas, autor argentino, publicou o pequeno ensaio biográfico *María Kodama – Esclava de la li-*

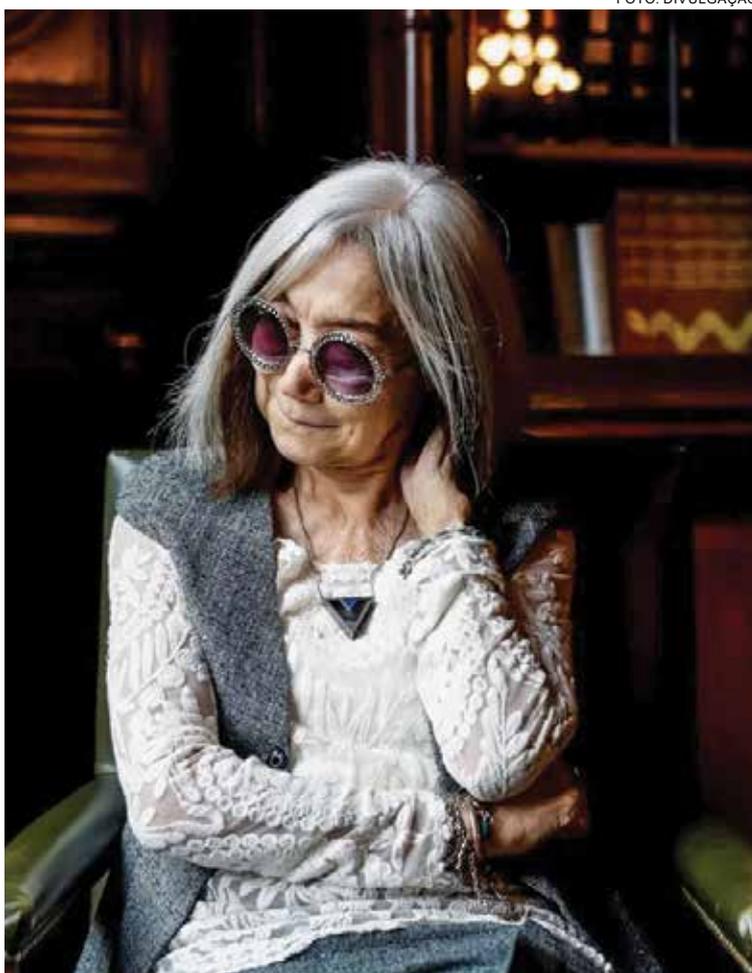


FOTO: DIVULGAÇÃO

bertad, Ediciones de La Flor, Buenos Aires, 2021, em que procura traçar-lhe um pequeno perfil desmistificador. Como esse, outros trabalhos, na mesma linha, têm sido publicados nos últimos anos, até porque, reconheça-se, o tempo tem trabalhado a favor de María, tornando-a mais palatável aos argentinos e estrangeiros. Explicarei por quê.

Durante décadas, María Kodama foi vista por boa parte dos argentinos como uma espécie local de Yoko Ono, a pouco sim- ▶

Controversa viúva do Jorge Luís Borges, María Kodama, por muito tempo, foi vista como uma espécie de Yoko Ono por boa parte dos argentinos



Borges e María: ela o conheceu ainda estudante e foi sua secretária antes de se casarem, em 1986

▶ pática mulher de John Lennon. Em outras palavras, um tipo de megera.

O fato de ambas possuírem traços orientais é mera coincidência. A aversão não se devia a isso, claro, mas à ideia, disseminada não se sabe como, nem por quem, de que ela simplesmente se apossara ilegitimamente de Borges, um velho cego e aparentemente indefeso, para dominar-lhe a vida e suceder-lhe na morte, herdando todos os direitos autorais sobre sua vasta e consagrada obra, além de outros bens menos notórios.

Para isso, contribuiu certamente o fato de que a diferença de idade entre Borges e María era grande, além, naturalmente, da cegueira e da ausência de outros atributos físicos que pudessem remotamente justificar a atração da jovem pelo frágil ancião.

Evidente que a fama e o talento de Borges devem ter fascinado María, que conheceu-o ainda estudante e, inicialmente, trabalhou para ele como secretária, mas daí a ligar-se amorosamente ao encanecido patrão, é outra história.

Mas foi o que aconteceu, por mais incrível que pareça – e para escândalo de muitos na época. María e Jorge se envolveram sentimentalmente, mas ela sempre resistiu à ideia de casar-se com ele. Segundo ela, “não queria ser de ninguém”, ciosa, como sempre foi, de sua liberdade pessoal.

Todavia, Borges insistia, queria porque queria fazê-la sua esposa, legalmente. E só conseguiu seu intento matrimonial em 1986, às vésperas de morrer, em Genebra, para onde tinha ido exatamente para vivenciar um final discreto, desenganado que já estava pelos médicos, longe da curiosidade pública que provavelmente haveria de persegui-lo em Buenos Aires.

Àquela altura, Borges desejava

duas coisas apenas: morrer discretamente na cidade suíça de sua infância e casar-se com María Kodama, seu amor outonal – e último.

Antes, em 1979, Borges, independentemente de casamento, tornou-a sua herdeira em testamento, contrariando parentes próximos que se julgavam seguros desse benefício. E então acirrou-se, na Argentina, a campanha pública contra ela, agora apontada como aproveitadora demoníaca de um velho, provável vítima de escravidão sexual, o que era, em tese, factível, dadas as circunstâncias peculiares do caso.

Quando conheceu o já maduro Borges, María Kodama tinha apenas 16 anos, uma adolescente, portanto. E, de uma certa forma, ficaram juntos desde então, num relacionamento que foi evoluindo, sempre discreto, dos estudos, do trabalho e das viagens até o amor. Esse amor, segundo ela, Borges lhe revelou certo dia na Islândia, mas já vinha deixando traços dele em seus escritos, sem nada dizer à amada.

Na intimidade, o escritor e sua musa travam-se por Javier Otárola e Ulrica, sempre cuidadosos em guardar de olhos estranhos o sentimento

que os unia e separava do mundo.

Atualmente, pode-se dizer, a hostilidade contra María se atenuou bastante, segundo dá a entender o jornalista Mario Mactas no livro citado. Com o passar do tempo, ela foi se revelando uma excelente guardiã do espólio de Borges, zelando por seu nome e sua obra, não só na Argentina mas também no mundo inteiro. Ela está sempre viajando a serviço dessa missão que tomou para si e que hoje vê-se que não poderia estar em melhores mãos.

María leva uma vida discreta em Buenos Aires. Gosta de sair com os amigos para comer fora, conhecer novos lugares e, principalmente, de dançar. Na juventude, ela teve aulas de dança e até pensou em se tornar bailarina, mas foi persuadida pelo pai a perseverar nos estudos de literatura. Segundo o biógrafo, dorme apenas cinco horas por dia e é bastante metódica em seus inúmeros afazeres.

Enquanto Borges vivia, ela nunca se deixou absorver por ele; manteve sempre sua identidade pessoal, como um espaço de sua liberdade irrenunciável. Foram duas pessoas, ela e Borges, jamais uma só (ele).

Gosta de fotografar. Anda sempre com uma câmera, registrando lugares, pessoas, bichos. Talvez um dia exponha suas fotos publicamente. Também escreve e faz palestras, além de dirigir a Fundação que cuida da posteridade de Borges. Viveu e vive para ele, todos os dias. Mas tem vida própria.

Aos poucos, vamos todos compreendendo sua importância na vida e no após morte de Borges. Ela foi necessária – é necessária. Borges viverá, claro, depois que María Kodama morrer, pois sua obra ficou e ficará, independentemente dela e de qualquer um. Mas ninguém de boa-fé pode negar que a integral e amorosa dedicação de María foi fundamental – é fundamental – para a preservação do mito chamado Jorge Luís Borges, ao qual ela está e estará positivamente associada para sempre. ❧

Francisco Gil Messias é bacharel em Direito pela UFPB, mestre em Direito do Estado pela UFSC e foi procurador federal junto à UFPB. É autor dos livros 'Olhares: Poemas Bissextos', 'Na Medida do Possível: Poemas da Aldeia' e 'Um Dedo de Prosa: Escritos da Aldeia'. Seu mais recente livro é 'O Redator de Obituários: Crônicas Artigos e Talvez Ensaios', a ser lançado em setembro de 2022 (todos pela Ideia Editora). Mora em João Pessoa (PB).

De Paulo Henriques Britto, 'Fim de verão'



FOTO: DIVULGAÇÃO



*Poeta Paulo
Henriques Britto
explicita seu
processo de
composição com
a lâmina afiada
da ironia*

Como de costume, também em seu recém lançado *Fim de verão* (Companhia das Letras), Paulo Henriques Britto serra a poesia. Descontrói sua estrutura e a espalha aos olhos do leitor. Explicita seu processo de composição com a lâmina afiada da ironia: “desse ‘não’ se extrai um quase ‘sim’, que mal se entende, mas rima. Ainda que não exatamente”.

Detalha as ideias com exatidão matemática: “É assim: entre a palavra e a coisa em si / vigora uma espécie de acordo tácito / de convívio. Não há fusão aqui”. Talvez por isso, possa anotar: “desse modo não corre perigo / nem mesmo o espírito mais delicado. / Leia até rebentar, leitor amigo”.

Seguramente estamos num floresta-só-poesia – de signos avassaladores – que dialogam com códigos da história, filosofia, e um leque de artes variadas. O leitor atento não se farta de esboçar nos lábios um riso de satisfação entre sarcástico, corrosivo e maroto.

É um som insignificante esse que chega ao seu ouvido, já ouvido muitas vezes – um som sem nenhum atrativo que, não obstante, se insinua como se fosse a solução definitiva e absoluta do que nem é uma questão. “Ah, velha música besta”, você comenta (ainda que mudo), “eu que não caio mais nesta paródia de máquina do mundo”, tomando nota, ao mesmo tempo, no caderno de apontamentos.

No entanto, é bom que o leitor este-

▶ já atento às artimanhas da *trapaceira* – como o eu lírico se refere à palavra. O edifício de sua linguagem é todo arquitetado para se manter movediço. As fronteiras entre o objeto e sua representação, intercambiáveis: “não há fusão aqui, / abolição de fronteiras: no máximo // um casamento branco, ou um contrato / (mesmo que nunca passado em cartório) / restringindo ao mais mínimo o contato / entre as partes”.

O que não impede a existência de um ludismo pra lá de gostoso e apaixonante. Como é o caso dos próprios poemas do poeta quando são vertidos para o inglês. Aqui (tem-se a impressão), o leitor diverte-se tanto quanto o poeta ante as múltiplas possibilidades que uma outra língua oferece. Chega a presentear o leitor com quatro autotraduções deliciosas. Um presente do Olimpo para curtir o barato dos sons e sentidos.

Como se não bastasse, faz três traduções e treze (treze!) variações sobre um poema de Emily Dickinson, isto além de ser um delírio de puro deleite poético, é uma aula de tradução e linguagem da poesia. Pra não dizer, grande aula de teoria da poesia.

É então que o leitor vê descortinar-se com nitidez, mais uma vez, o poeta Paulo Henriques Britto e seu projeto de criação e inventividade em poesia e em tradução. Em tempo: entende-se o que Pound chamava de *crítica pela via da tradução de poesia*. É exatamente isto.

Mas nem só da linguagem em primeiro plano que a poesia de *Fim de verão* é feita. Se Paulo Henriques Britto é um dos nossos mais importantes poetas contemporâneos pelo firme trabalho com o código, também soube manter, ao longo de todos os seus livros publicados, o código carregado de significado, na mais ampla acepção deste termo.

Fim de verão, por acaso, ou pelas circunstâncias atuais, é seu livro transparentemente mais politizado. Transcrevemos a primeira parte do poema *Vers de circonstance* (Brasil, 2020):

I. Imunidade de rebanho

A estupidez é sua própria recompensa.
Graças a ela, o mundo faz sentido,
um só, que é fácil identificar.
E só o fácil satisfaz a quem não pensa.

Pensar é coisa trabalhosa. A ignorância
é o sumo bem dos cidadãos de bem,
é a verdadeira marca dos eleitos.
Ter sucesso é não ter que saber. Saber cansa,

e o objetivo central de qualquer existência
só pode ser não se cansar. Olhai
as vacas do campo: não lhes faz falta a ciência,

pastam em plena bem-aventurança,
sem que nenhuma antevisão do matadouro
perturbe a santa paz da ruminância.

Partindo da parábola e das metáforas bíblicas de um mundo de serenidade, graça, fé e esperança, o poema inicia-se com uma assertiva e já a declara una, isenta de contestações, quer seja, dogmática, satisfatória e desprovida da “inutilidade” da reflexão. “Saber cansa / e o objetivo central de qualquer existência / só pode ser não se cansar”, sentencia o eu lírico em linguagem coloquial e numa oratória eclesiástico-evangélica de esquina, reverberada *ad infinitum* em púlpitos presenciais ou eletrônicos, em redes sociais ou praças das cidades. O poeta se apropria desta linguagem padrão para mimetizar o discurso do rebanho, pela paródia:

Olhai
as vacas do campo: não lhes faz falta a ciência,
pastam em plena bem-aventurança,
sem que nenhuma antevisão do matadouro
perturbe a santa paz da ruminância.

Ao apropriar-se calma e mansamente do discurso bíblico/religioso, lança a ambiguidade do sentido paródico, invoca a leitura plurissêmica que faz pensar e aventurar-se por mundos até então sequer imaginados. “O que em mim sente está pensando” pessoalmente detona a velha máxima cartesiana e coloca mente e coração no na poesia,

no verso, e no caso antenado do poeta, no Metaverso.

A poesia de Paulo Henriques Britto segue sendo precisa, poesia do rigor, das ideias parcimoniosas, das imagens exatas, da dicção seca, forte, soco no estômago. Uma poesia imprescindível que ao fim de cada livro faz o leitor aguardar pelo novo lançamento. ✦

IMAGEM: DIVULGAÇÃO



'Fim de verão' é o livro transparentemente mais politizado do poeta Paulo Henriques Britto

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)



ILUSTRAÇÃO: TONIO

O circo

Luiz Augusto Paiva da Mata
Especial para o *Correio das Artes*

I
*Vai, vai, vai, começar a brincadeira,
Tem charangato tocando noite inteira.
Vem, vem, ver o circo de verdade,
Tem, tem, tem picadeiro e qualidade*
- Sidney Miller

Muito tempo faz que não sei de Nequinho. Nunca uma carta, um telegrama, uma notícia qualquer. Nada. Se eu soubesse alguma coisa do paradeiro dele, uma referência qualquer, iria procurar por ele, arrancar de dentro de mim esse pedido de perdão engasgado por quase trinta anos. Só queria que ele me escutasse, uma chance apenas para que eu pudesse pelo menos tentar explicar aquela decisão que transtornou irreversivelmente minha vida.

Nequinho devia saber que eu gostava dele, que tudo aquilo aconteceu porque não tinha jeito. Não tive como evitar. Era muita pressão na minha cabeça e fiz aquela escolha pensando nele, nas coisas que eu precisava comprar para ele, nos cadernos, na cartilha, no lápis de cor, na pasta de couro, no sapato novo... Pensando também na falação de Nazaré.

▶ Nazaré era um tormento. Sempre daquele jeito: cobrando! Não dava folga um minuto. Todo instante aquela ladainha me cozinhando o juízo, me chamando toda hora de desmiolado, cobrando responsabilidades com a vida e se eu não podia criar não devia ter posto filho no mundo. De tudo o que ela falava era isso o que mais me doía, porque ela sabia quanto eu gostava de Nequinho. Ele era tudo para mim, tudo de bom que Deus tinha me dado. Sabia do orgulho meu por aquele menino. Novinho de tudo e já entrando para o Grupo Escolar, sabendo as quatro operações, escrevendo e lendo que era uma beleza. Como eu gostava de Nequinho!...

Nazaré não podia falar comigo daquele jeito na frente do menino. Sabia das minhas dificuldades. Eu já tinha feito ficha num monte de lugares. Ficavam de me chamar e nada. Eu era bom na datilografia, na conferência de estoque, no almo-xarifado, dava minhas pedradas na contabilidade, mas estava pronto para topa qualquer serviço. Eu era capaz até de aceitar uma portaria, os serviços gerais... Na situação que eu estava o que Deus me mandasse ia estar de bom tamanho.

A vida tem dessas crueldades. Dessas violências com a gente. O homem sem colocação fica sem amor pelas coisas, não tem vontade de viver e tem que passar vergonha calado, ouvir coisas da mulher e não poder reagir. Desempregado não tem razão em coisa alguma, nem em arenga de bar.

Dinheiro, seu Arthur mandava para as necessidades. Mandava mais discurso do que dinheiro. Tinha sempre de lembrar Nazaré que fora contra aquele casamento, tinha falado, falado...E do que tinha adiantado?... De nada! Nadinha! Era muito desgosto ver a filha naquela situação, passando necessidades enquanto aquele imprestável, o mais que fazia era escrever. Escrever?! Assinar uns artiguinhos para o Valeparaibano. Aquilo trazia feijão para a casa? Não. Claro que não. Quem iria arrumar colocação para um sujeito que ficava falando o que bem entendia no jornal, escrevendo contra gente poderosa, ainda mais com aquelas ideias de comunista na cabeça...Onde já se viu? Homem de bem tem carteira assinada com carimbo de firma boa. De que adianta aquele monte

de livros na estante? Sabedoria sem diploma? Pra quê?

Definitivamente estavam por aqui comigo, com tudo que era meu: com minhas leituras, com meus escritos, que sempre diziam, não serviam para nada.

É certo que eu tinha lá minhas veleidades novelescas. Escrevia um tiquinho. Uns contos na gaveta da cômoda podiam atestar a qualidade de minha lavra, que eu acho, não era das piores.

Poesias? Algumas. Para Nazaré em tempos de flerte nos bailes da Associação Esportiva e só. Nem preciso contar o quanto me arrependo daqueles alexandrinos, tirados aqui de dentro madrugadas afora.

Fazer o quê? Saí dessas pessoas que não se encaixam na vida, que não farejam oportunidades. É como diria minha tia Lupercina: "Homem que não se presta para cuidar de seus centavos, nunca vai ter seus milhões para contar". É uma verdade. O que eu gostava mesmo não dava dinheiro, nem posição na vida, nem nunca soube de alguém ter acumulado fortuna devorando Eças e Machados, muito menos discutindo política na farmácia do Bartolo.

Nazaré sempre falava: Tanta coisa na cabeça e nada na panela. Hoje reconheço minha falta de empenho, meu apego à certos princípios. Ingênuos, admito, mas me eram caros e não mereciam desmoronar naqueles segundos. Tudo por causa daquele maldito circo que foi aparece lá na Vila Maria. Não dá para me conformar. Em que hora aquela trupe ruidosa foi me aparecer?! Eu ainda me refazendo de uma tosse comprida e sem uma pataca no bolso. Se bem que estivesse esperando umas quiereras do Alcides por conta da corretagem de uns terrenos que ele vendeu em Santo Antônio do Pinhal. O dinheiro era pouco, mas era meu. Só que não chegava. Passa aqui amanhã, vem depois de amanhã, passa semana que vem, e assim por diante. Alcides estava me dando canseira e Nazaré ali, na marcação, no rosário de sempre, que eu não prestava para fazer negócios, que Alcides ia me passar a perna. Cadê as promissórias? Tudo na conversa, é Seu Moço? E palavra vale alguma coisa hoje em dia? Claro que não. Só "Seu Moço" não sabe disso.

II

*Corre, corre, minha gente
Que é preciso ser esperto
Vê melhor que vê na frente,
Vê melhor quem vê de perto. S. M.*

E o circo chegando. Espalhafatoso como se cabe a um circo de qualidade, de lona boa e bailarinas bonitas.. Desfile na rua XV de Novembro com palhaço na perna de pau distribuindo docinhos a um batalhão de meninos extasiados. O homem no megafone fingia sotaque carcamano e anunciava a estreia. As carretas, as jaulas, os mistérios. Sim, os mistérios.

– Pai aquele "trigue" come gente?

– Come, Nequinho. Come que não fala direito, que fala trigue, que fala vrido.

– Mas come, não come?

– Come.

O corso seguia lento desfilando novidades, o mágico, o macaco equilibrista, o leão que também comia gente, o elefante que só comia plantas.

– Se o elefante só come plantas, então por que ele é gordo?

– É que o metabolismo dele é diferente do da gente.

– Ah!...

– Entendeu?

– Não.

Quando do meu tempo de pequeno ninguém dizia vou ao circo, dizia-se vou aos cavalinhos. Não importa, circo ou cavalinhos, ele vem para mexer com a alma da gente, com nosso imaginário e arranca aqui de dentro aquela alegria adormecida, e o faz tão misteriosamente quanto seus mágicos tiram o inesperado de suas cartolas negras, como também tirei a alma de Nequinho de dentro da minha.

Ele era dessas crianças de choro e riso fáceis, de emoções afloradas, capaz de perceber coisas que fogem ao senso comum. Horas e horas na horta acompanhando o milagre da sementeira, da colheita, espreitando o voo dos sanhaços, até que um ferido de estilingue reclamasse seus cuidados de esculápio. Gostava de sentar ao meu colo e ouvir os causos de onça, da sucuri desse tamanho que engolia até gente.

– Pai, sabe qual é o bicho mais bravo que existe?

– O leão;

– Não.

– Então, qual?

– O diabo da Tasmânia. Olha aqui no livro a cara dele. ▶

– Ah!
 – Pai, me leva no circo?
 – Ao circo.
 – Tá bom, me leva ao circo?
 – Se Alcides me pagar, eu levo.
 – E quando o Alcides vai pagar? A mãe disse que ele não paga ninguém e não vai pagar o senhor.
 – Claro que vai pagar. Deixa de ser igual a sua mãe. Se eu disse que ele vai pagar é porque ele vai pagar e não se fala mais nisso.

Dentro de mim algo me dizia que o Alcides não ia me pagar. Pelo menos com a premência que os pedidos de Nequinho exigiam e cobravam. Não havia a menor chance. Mas, dentro de mim algo também me dizia que eu tinha de dar um jeito de levar meu filho ao circo, fazer a vontade dele, já que tantas outras eu estava devendo. Ele não era de pedir coisas, não era um menino cheio de exigências, mas esse pedido era diferente, fazia os olhinhos dele brilharem, como brilham os olhos de todos os meninos quando sabem que o circo está por perto.

III

*Mas no meio da folia
 Noite alta, céu aberto,
 Sopra o vento que protesta,
 Lá no teto rompe a lona
 Pra que a lua de carona
 Também possa ver a festa. SM*

Farmácia do Bartolo. Era ali que me encontrava com Luís Pastinha, com Adegildo, com Agenor e mais uns três ou quatro contendores de somenos para as sessões de um parlamento informal que tínhamos organizado à porta daquela botica. Já encerrávamos a pauta bravateando sobre alguns temas que seriam capazes de causar arrepios em quepes e coturnos quando Crispim chegou trazendo a novidade do circo.

– Estão contratando gente pra vigiar e não deixar entrar penetra. Pagam mil por dia. Mil cruzeiros. Deus me livre disso. Ficar embaixo da arquibancada pastoreando os moleques que querem passar por baixo da lona, mandando o porrete nas canelas,,,

Contratando gente!...Poderia ser a minha saída! Mas era o fim da picada eu trabalhar em um circo. No mínimo ia ter que vestir uns daqueles macacões cor de abóbora, ficar de porrete na mão fazendo a ronda em volta do circo. E o boné, hein?

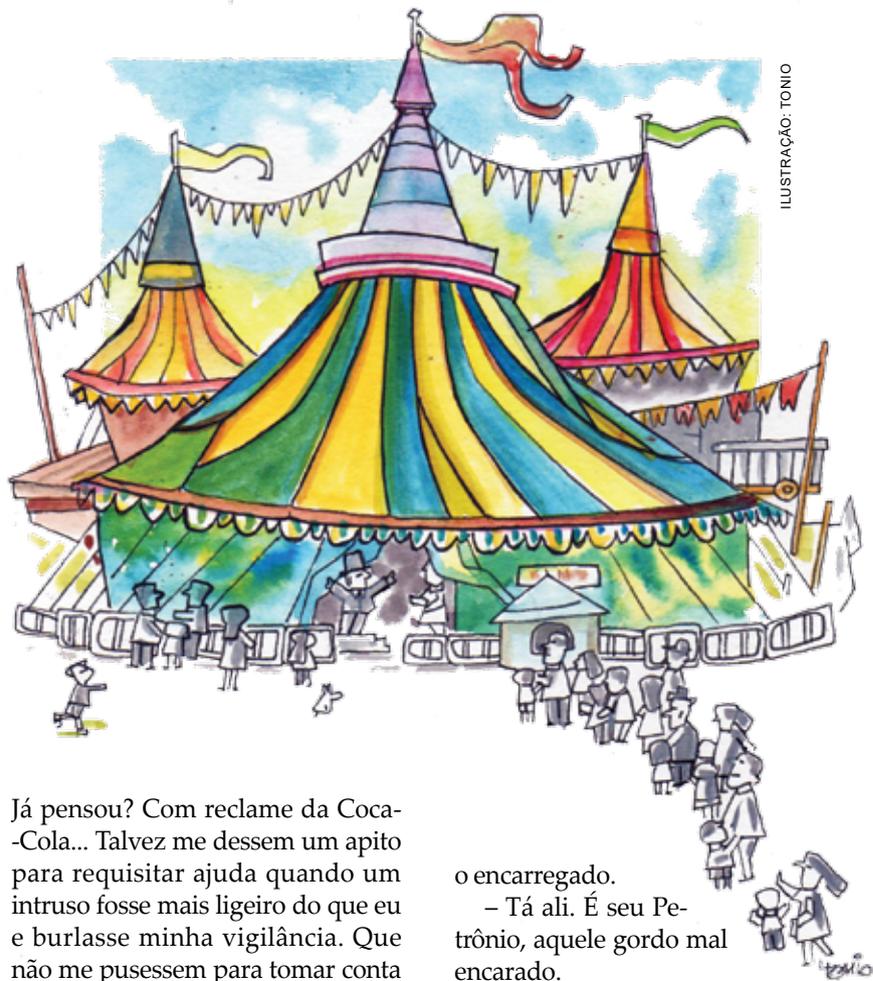


ILUSTRAÇÃO: TONIO

Já pensou? Com reclame da Coca-Cola... Talvez me dessem um apito para requisitar ajuda quando um intruso fosse mais ligeiro do que eu e burlasse minha vigilância. Que não me pusessem para tomar conta de carro, que isso eu não topava por dinheiro nenhum no mundo. Dinheiro nenhum! O que é o destino... Nazaré é quem tem razão, eu não sei mesmo me encaixar na vida. Agora aqui sonhando com um trabalho esporádico, por alguns trocados só para levar Nequinho ao circo. Por ele, só por ele, eu seria capaz de me sujeitar a um emprego desse, mas que ele não me visse em um macacão cor de abóbora, que Nazaré o levasse e nem passasse por perto de mim. De jeito Nenhum. Queria que Nequinho lembrasse sempre de mim de outra maneira, ou pelo menos vestido decentemente, contando a história de Teseu matando o Minotauro. Era a história que ele mais gostava.

IV

*Bem me lembro, o trapezista
 Que mortal era seu salto,
 Balançando lá no alto
 Parecia de brinquedo.
 Mas fazia tanto medo
 Que o Zezinho do trombone
 De renome consagrado
 Esquecia o próprio nome
 E abraçava o microfone
 Pra tocar o seu dobrado. SM*

– Boa noite, gostaria de falar com

o encarregado.

– Tá ali. É seu Petrônio, aquele gordo mal encarado.

Seu Petrônio estava ali, gordo e mal encarado, numa grande barraca de lona com laterais abertas à ventilação, olhando um rapazola ocupado em jogar silagem para uma meia dúzia de camelos que regurgitavam uma baba branca e pegajosa.

– Seu Petrônio?

– Eu.

– Fiquei sabendo que a companhia está admitindo para serviços temporários.

– Admitindo e demitindo. O que é que o senhor sabe fazer? Não vai me dizer que é artista!? Se for é com o Reginaldo, eu só contrato o pessoal do pesado, a turma do trampo, entendeu?

– Entendi. É isso mesmo que eu estou procurando. Qualquer coisa, menos tomar conta de carro. Vigilância, limpeza, qualquer coisa mesmo.

– “Qualquer coisa” não é serviço. Vamos, homem, estou precisando de pessoal pra vigia. Trabalho só na hora do espetáculo, duas vezes por dia de segunda à sexta, e três vezes no sábado e domingo. Pago mil por dia. Bufunfa viva no final de semana. Nada de carteira assinada, nada de desconto e reclamação é com o bispo. Aceita?

– Aceito. Quando começo?

– No sábado. Meio dia aqui que eu vou dar as instruções. Já vou adiantando que não aceito atrasos e não gosto de dar oportunidades a quem não honra seus compromissos. Vamos ficar por aqui duas semanas, talvez três se tivermos casa cheia. Não precisa trazer documentos, nem outra coisa porque já quero deixar bem claro que não vamos assinar carteira. Tá entendido? Estamos conversados?

Foi assim que dei início à minha tragédia, ainda que não possa negar, um certo entusiasmo andou rondando minhas perspectivas, pois minha aritmética totalizava um saldo otimista. Aqueles trocados poderiam aliviar algumas premências e me permitiriam mais à frente presentear Nequinho com um bilhete, mesmo que este fosse para a geral, para ele e Nazaré, é claro! Pensei na bagatela de uns quinze mil cruzeiros, um tanto mais, um tanto menos, mas que meu filho nunca, nunca mesmo, soubesse da origem daqueles proventos. Eu queria mesmo é depois saber de Nequinho o que ele teria achado da função vespéral, módica no preço, mas não menos encantadora do que as noturnas. Certamente. O que ele teria achado do trapezista, do malabarista, do homem que engolia uma espada e vomitava labaredas. O que achara das atrações todas e tantas, que iriam por certo fazer sorrir o coração do meu príncipezinho. Nequinho merecia!

V

*Faço verso pro palhaço,
Que na vida já foi tudo,
Foi soldado, carpinteiro,
Seresteiro vagabundo.
Sem juiz e sem juízo,
Fez feliz a todo mundo,
Mas no fundo não sabia
Que em seu rosto coloria
Todo encanto do sorriso,
Que seu povo não sorria. SM*

Sábado e eu lá, onze e meia esperando o encarregado, o gordo Petrônio, eu e mais uma dúzia de desempregados. É nessas horas, principalmente nessas horas, que é possível perceber como os desempregados são parecidos, de cara e de sentimentos e é possível ver como a exclusão nos torna iguais, nos alija da ternura e a face mais contida de nossos espíritos perde completamente os escrúpulos e se reveste de

toda crueldade que possa caber no coração de um homem. Eu estava ali para, em troca daqueles honorários, permitir que me aflorasse esse lado obscuro de minha alma.

Não tardou chegar o encarregado, a passar ordens e recomendações, distribuir tarefas exercer aos brados sua autoridade de capataz. A minha tarefa seria aquela mesma: não permitir a presença de gente tentando passar embaixo da lona.

– Olha aqui. Esse porrete é de jacarandá. Se algum penetra insistir, mande o porrete na canela. Só na canela. Não vá me bater em outro lugar. Na canela do indivíduo, mas com gosto. Com gosto! Se eu pegar alguém dando moleza, tentando levar na conversa, eu mando embora. Quero gente de tutano. O senhor está entendendo? – e olhou para mim desconfiado de que eu não fosse capaz das minhas funções de feitoria.

E eu não era. E o gordo Petrônio continuou.

– Quem for para a limpeza pega o macacão azul, alimentar os animais, o verde-não era possível que minhas premonições fossem acontecer – O senhor aí da vigilância pega o macacão cor de abóbora.

O macacão cor de abóbora. Aquilo parecia um pesadelo. Logo eu ali com aquele embrulho indigesto à mão. O macacão e o boné! Pelo menos no boné não tinha reclame da Coca-Cola.

– Uma e meia todo mundo aqui – e me entregou um apito, desses de juiz de futebol. Não ia faltar o apito, claro que não!

Fomos embora. Éramos, fui contabilizar mais tarde, uns quinze. Gente que ia alimentar aquela fauna exótica, outros que iam servir de ajudantes no picadeiro, estes talvez os mais atarefados, pois entre um número e outro, deveriam colocar e retirar uma parafernália de objetos enquanto o apresentador anunciava a próxima atração. Usavam macacões cinza. Discretos. E nas outras funções, e macacões de outras cores, mas nenhum cor de abóbora.

VI

*De chicote e cara feia
Domador fica mais forte
Meia volta, volta e meia,
Meia vida, meia morte.
Terminado o seu batente
De repente a fera some,
Domador que era valente*

*Noutras feras se consome,
Seu amor indiferente,
Sua vida, sua fome. SM*

Foi muito difícil começar a conversar com Nazaré, explicar o biscate que eu havia arrumado. Falei muito por cima, que aquilo iria render uns trocados, iria dar para pagar umas contas, daria também para comprar algumas coisas que estavam faltando para o Nequinho na escola, principalmente a pasta de couro que ele sempre quis. Acho que foi a primeira vez em muitos anos que Nazaré me foi solidária, acho mesmo que se comoveu com meu esforço, com minha humilhação. Não conseguia esconder as lágrimas que caíram de seus olhos sempre tão desconfiados de mim, e que agora pareciam tristes e desanimados com a vida. Expliquei que dali a uma semana iria receber aquele dinheiro, o que recebesse iria deixar na mão dela e que dele ela fizesse o melhor uso. Eu mesmo não queria nada para mim, só fazia mesmo questão que ela comprasse a pasta de couro de Nequinho e o levasse à matinê de domingo.

Nazaré entendeu. Pela primeira vez, depois de tanto tempo não reclamou de um pedido meu. Seu perdão, tão cansado de me perdoar abriu uma trégua. Foi quando percebi alguns vestígios de ternura no olhar de minha mulher. Eram-me bastantes, já que deles eu me desacostumara. Parcimoniosa em seus afetos comigo, só comentou que Nequinho não falava em outra coisa, era circo pra cá, circo pra lá. Não dava folga um minuto, que era preciso eu falar com ele. E que se ela fosse levá-lo, que eu lhe dissesse quando, que não aguentava mais o menino no rabo da saia falando em circo o dia todo daquele jeito.

– Nequinho, vem cá.

– O que é?

– Sua mãe vai levar você ao circo. Mas não dá para ser hoje e nem amanhã. Domingo que vem ela leva. O Alcides já terá me pago, então...

– Mas eu quero ir amanhã. Quero ir com o senhor e o Alcides não vai pagar.

– Se ele não me pagar eu me viro, mas você vai ao circo. Tenha um pouco de paciência. Que diferença faz ir hoje, amanhã, ou domingo que vem? Que diferença faz ir comigo ou sua mãe?

– Faz muita diferença.

– Qual?

– Mãe leva a filha e pai leva o filho. Ir com a mãe não tem graça Só se o pai for junto.

– Mas eu não vou poder. Vou estar trabalhando.

– O senhor? Trabalhando?

– Nequinho! Vou estar trabalhando, sim senhor. Estou lá no jornal. Não disse que uma hora ou outra iriam me contratar? Não disse?

– Disse, mas não acredito.

– Nequinho...Não complica minha vida, facilita as coisas para o seu pai. Você não quer ir ao circo? Pois você vai. Agora tenha um pouco de paciência. Só isso que estou lhe pedindo. Vai dar para ser?

– Não!

– Vai dar sim senhor, e as coisas não podem ser sempre do jeito que você quer. Entendeu?

– Mais ou menos.

Nequinho não entendeu. Ele queria mesmo era ir comigo, dividir com o pai as emoções que só momentos mágicos como os de uma função circense podem proporcionar. É difícil alguém entender desses sentimentos que aproximam almas como a minha e a de Nequinho. E exatamente por isso é penoso explicar o que passou comigo depois daquela conversa. Deus sabe o que senti. Só Ele me viu segurar aquelas lágrimas e aguentar firme, impondo ao coração esconder, o que meus olhos teimavam mostrar.

Assim mesmo tive que impor a Nequinho meus desmandos de pai-patrão.

– O senhor vai domingo com sua mãe e estamos conversados. E no outro domingo e não no próximo. Se ficar aí fazendo birra, aí é que não vai. Nem domingo ou dia algum.

– No domingo eu não quero ir. Quero ir no sábado.

– E que diferença faz?

– Faz muita diferença.

– Qual é essa diferença?

– É que no sábado vai todo mundo da escola. Vai o Dico, vai o Toninho, vai o Tadeu, Vai o Zé da Dona Zuleica...

– E você não vai. O senhor só vai no outro domingo.

– Não. Vou no sábado.

– E com que dinheiro?

– Eu empresto depois a mãe paga. Eu arrumo...

– Arruma? Onde? Com quem?

– Do mesmo jeito que o senhor vai conseguir se o Alcides não...

– Nequinho!!!



ILUSTRAÇÃO: TONIO

VII

*Fala o fole da sanfona,
Fala a flauta pequenina,
Que o melhor vai vir agora,
Que desponta a bailarina.
Que seu rosto é de senhora,
Que seu corpo é de menina.
Quem chorava, já não chora.
Quem cantava desafia,
Pois a dança só termina
Quando a noite for embora. SM*

Comecei meu batente com Seu Petrônio dando suas ordens como as de um sargento veterano. Apontou para mim.

– O setor do poeta é o da esquerda. Vai ter que cobrir dessa estaca até aquela ali na frente. Aquela pintada de vermelho e branco. Passou alguém por esse setor a responsabilidade é sua. Olho vivo, poeta!

Senti um profundo constrangimento com aquela ironia. Poeta? Onde falava-se poeta era para se entender, aluado, ou qualquer adjetivo desse jaez. Senti muita raiva de mim, da vida. Se alguém lá no jornal me visse ali... Nem pensar nisso. Era o fim da picada. Alguém do Partidão... Era hora de começar a minha ronda, meu trabalho de vigilante. Nada de dramas, pensei. Fora uma escolha minha. Como é próprio dos pesadelos aquilo uma hora ia ter que acabar. Agora era deixar por conta do tempo. Não era o momento de buscar comparações no universo das minhas estantes. Frans Kafka não combina com macacão cor de abóbora..

As luzes, o burburinho, o cheiro de pipoca, de algodão doce, de maçã do amor. Circo é um mundo com-

plexo e só estando ali nos bastidores fui entender que depois dos aplausos a bailarina vai vender pequenas lunetas com fotografias coloridas da plateia. Chapas batidas à revelia e sem muita arte pelas mãos ligeiras do trapezista. Quem imaginaria ser o mesmo homem, o atirador de facas e o vendedor de bilhetes na portaria? Passaria pela imaginação de qualquer criatura ser o mal encarado Petrônio o palhaço Tanajura que tão gostosas gargalhadas arrancava das arquibancadas. Definitivamente eu sabia tão pouco do circo quão quase nada o circo sabia de mim. Mas tivemos que rapidamente ir nos acostumando um com o outro. Horas eu fazendo minha patrulha junto às paredes laterais. Atento. Sempre em postura preventiva para evitar as prerrogativas do jacarandá. Noutras horas, sob a arquibancada conforme também determinara o palhaço Tanajura. Ficava eu, pedindo a Deus que alguma tibia aventureira não aparecesse à minha frente requisitando a ação de minha borduna.

Os dias foram indo embora, e em pouco menos de uma semana apenas uma vez me vi compelido a executar minha tarefa de Torquemada: duas canelas sorrateiras foram se insinuando por uma fresta da lona. Mas bastou um “chispa moleque” e aquelas perninhas desapareceram ligeiras como se fossem as duma gazela cor de betume, toda assustada.

Não queria mesmo é ter de aplicar o corretivo em algum menino que tentasse burlar nossa segurança. É fácil descobrir e não são raros os que arriscam alguns hematomas para descobrir os mistérios da mulher que se transformava em macaco.



EPÍLOGO

*Vai, vai, terminar a brincadeira
Que a charanga tocou a noite inteira.
Morreocirco, renasce uma esperança.
Foi-se embora e eu ainda era criança*
SM

Deuses há para todos quantos deles querem se valer. Eu que nunca fora de acertar em minas escolhas, não seria na de um deus que eu iria me reabilitar. E se um dia dele precisei, reclamei sua ajuda, foi quando provavelmente cochilava. Talvez por isso, na matinê de sábado meu procurador no Olimpo não atendeu o chamado de seu servo aqui e me fez aparecer dois sapatinhos desengraxados, ligeiros, fazendo estripulias no meu setor. Tentava uma fresta, algum desvão entre a lona e o solo para atirar seu corpo pequenino para o outro lado do universo, onde o piscar de luzes coloridas anunciavam que o espetáculo estava para começar. Sob a arquibancada foram muitos os meus “chispa moleque”! E o meninote lépido, atrevido, não atendia do lado de fora. Fazia era correr de um lado para outro, indo e voltando, exigindo na perseguição que eu tivesse fôlego de atleta.

Logo me foi possível perceber que minhas energias já escasseavam e que por pouco tempo eu ainda suportaria aquela perseguição. Então ouvi a voz do palhaço Tanajura. Era Seu Petrônio com o rosto já manchado de maquilagem de arlequim que não camuflava sua alma tirana.

– Manda o porrete, poeta! Ele está indo pra lá. Vai, poeta. Se der moleza não tem pagamento.

Recolhi o que me restava de energia e numa manobra estratégica fui me postar onde mais provavelmente aquele irreverente iria tentar sua invasão. Poucos, muito poucos segundos até que pude ver suas mãozi-

nhas tenras tentando levantar a lona. Mais uma vez o palhaço Tanajura gritou.

– O porrete, poeta!

Ainda pude ver aquelas perninhas franzinas e nelas descarreguei o lado obscuro de minha alma., os prováveis quinze mil cruzeiros, as reclamações de Nazaré, minhas desditas, todas, meu macacão cor de abóbora, os gritos do palhaço Tanajura...

Foi um grito lancinante como jamais ouvirei, viva eu quanto tempo Deus ainda me permita viver. Depois um corpinho se deixando cair entre gemidos. Levantei a lona. Atirei-me para fora e fui debruçar-me sobre aquela criaturinha.

Não tive tempo para concluir meus intentos. Eu conhecia muito bem aquele choro, aquela voz que reclamava em agonia pelo socorro de um ente querido.

Pai! Pai! Pai! ...

Foi a última vez que abracei meu filho. Muita gente chegou para ver o que acontecera. Nem me lembro quem o tomou de meus braços para socorrê-lo. Dali o levaram. Ainda pude ver seus bracinhos estendidos, ouvir suas súplicas sentidas, como não lhe fosse possível entender ser eu o seu algoz.

Ainda reclamava.

Pai! Pai! Pai!...

Sentei-me ao lado de uma estaca e ali chorei tanto quanto se possa imaginar ser um homem capaz de chorar. Não tive coragem de voltar para casa. Depois não tive coragem para muitas coisas em minha vida: coragem de olhar para minha mulher, para meu filho, nem mesmo coragem para arrancar do peito um pedido de perdão que está entalado dentro de mim há mais de trinta anos.

Luiz Augusto Paiva é professor de matemática e escritor. Tem livros publicados de contos e crônicas. Escreve semanalmente para o jornal "A União". É membro API e, atualmente, é presidente da União Brasileira de Escritores - seção da Paraíba (UBE-PB). Natural de Campos do Jordão (SP), reside em João Pessoa (PB).

Notas sobre uma travessia



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Como a crônica — prima pobre do conto —, a novela é um gênero literário injustamente desprestigiado na literatura brasileira contemporânea, não apenas por carregar no nome a pecha das “telenovelas” (que em sua essência estrutural se parecem muito mais com os romances, cheios de personagens e núcleos conflituais convergentes), mas também pela perspectiva rasa em torno de sua extensão: seriam elas “romances curtos”, dizem alguns estudiosos, arriscando-se até a estabelecer um limite de páginas.

Travessia (Mulherio das Letras/Venas Abiertas, 84 páginas, R\$ 25), novela de Ana Lia Almeida originalmente concebida para uma edição de bolso, sinaliza um grande problema desse desprestígio: além de ser uma narrativa tão bem urdida e articulada quanto muitas novelas hoje ditas romances (e que se centram sobre apenas um personagem, e um núcleo conflitual básico), o drama desta futura mãe e sua gestação não planejada é mais profundo que vá-

Ana Lia Almeida, autora de 'Travessia': narrativa tão bem urdida e articulada quanto muitas novelas hoje ditas romances

◆ ao rés da página

rias dessas outras novelas, volta e meia protagonizadas pelo combo clássico do padrão heteronormativo: o personagem homem, branco, de meia-idade, classe média, às voltas com as típicas crises intelectuais de seu trabalho como escritor.

Situada num lugar de fala próximo, mas diametralmente oposto pelo limiar do gênero e os enormes encargos histórico-sociais que pesam sobre a mulher, a heroína desse texto narra as venturas e desventuras da maternidade sob o prisma de uma nova geração de mulheres que ousou se rebelar contra o estereótipo da maternidade: uma imagem idílica e santificada, cruel e ironicamente concebida pelo patriarcado e por essas figuras que predominaram na literatura canônica, esta entidade igualmente sagrada, desconstruída à força de realidades e narrativas como a de Ana Lia.

Há, em sua falsa aparência de relato cotidiano e banal (por sinal, com forte acento cronístico, como os romances de uma Vanessa Barbara ou uma Maria Valéria Rezende), uma poética cheia de furor, de uma visceralidade feminina regida, também, pela lua, essa poeta das águas que encharcam suas páginas.

Ana Lia nos apresenta personagens fascinantes, como a sua protagonista e a própria dona Edna, vizinha bisbilhoteira, uma voz que aqui atua, talvez, como arauto aposentado de um mundo caduco: daquela maternidade meio imposta por um universo machista, com médicos-homens regendo hospitais cheios de parafernálias e procedimentos que não tinham a mãe (e, ousou dizer: sequer tinham as filhas) como preocupação primordial, mas a própria medicina, e a própria medicina como sistema reprodutor de um quadro desumano: cenário contra o qual mães como a narradora (não à toa anônima) se opõe, recorrendo às práticas de suas ancestrais, falsamente rechaçadas como retrocesso num modelo de sociedade capitalista e, novamente, machista.

A quase ausência de personagens masculinos é notável somente na medida em que a pergunta a respeito deles é como a pergunta de dona Edna a respeito do pai, uma intromissão, impertinente como quase todas as

intromissões.

Travessia parece nascer com tudo em seu devido lugar, com a perfeição de um recém-nascido que cresce a cada página alimentado pela maturidade precoce de uma narradora forjada, não há dúvida, em muitas escritas e reescritas, se não deste de outros projetos (de cunho literário ou não, ficcional ou não). A dor do parto literário é silenciosa, mas, por vezes, nascem criaturas como essa novela, que já surge falando e dando o testemunho de seus pequenos milagres. ✦

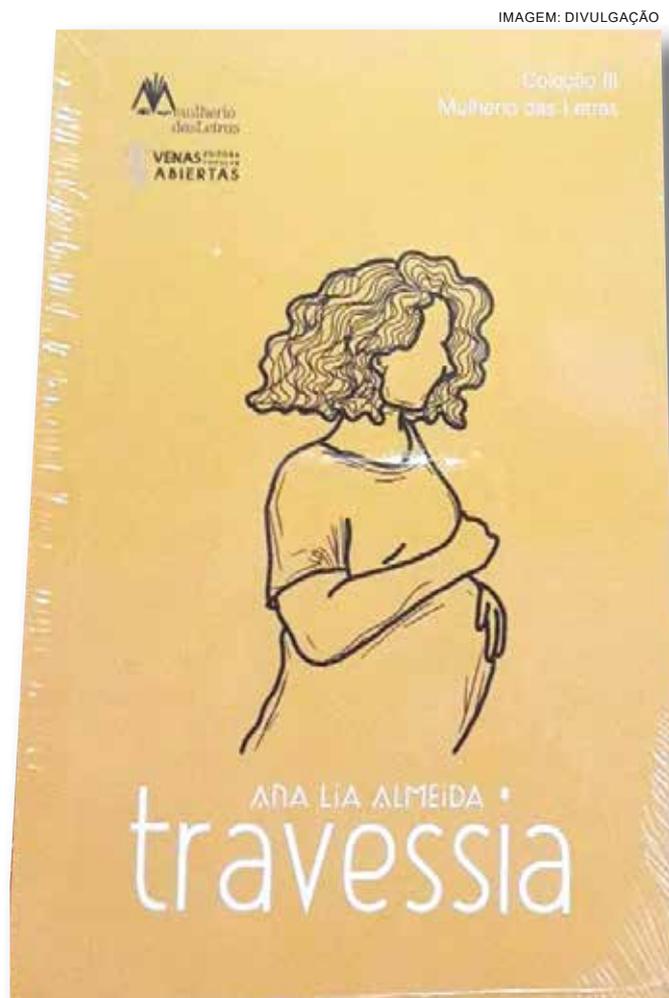


IMAGEM: DIVULGAÇÃO

Novela narra as venturas e desventuras de uma nova geração de mulheres, que ousou se rebelar contra o estereótipo da maternidade

Tiago Germano é autor da coletânea de contos "Catálogo de pequenas espécies" (2021, do romance "A Mulher Faminta" e do volume de crônicas "Demônios Domésticos" (2017), indicado ao Jabuti. Seu novo romance, "O que pesa no Norte" (2022) acaba de ser lançado e está disponível no site da Editora Moinhos. Mora em João Pessoa (PB).

Dissecando 'Ferrugem Popular', DE PEDRO OSMAR

Rodrigo Falcão

Especial para o *Correio das Artes*

Em um momento de descontração e cantoria, Xangai criou o neologismo 'foderes' e Pedro Osmar teve a ideia de colocar na canção 'Ferrugem Popular', lançada no CD duplo *Quem Vem Lá* (2017). Estava nascendo uma letra atemporal do cancionista paraibano, com o intuito de mostrar todo descontentamento do povo em relação ao poder público. Como nós sabemos, a ferrugem é o efeito de corrosão do ferro exposto ao ar e à umidade. Em outro contex-

to, a expressão que dá título à música é a metáfora do povo corroído pelo poder público.

COMPREENSÃO:

O eu lírico fala a respeito da morte do poder acontecendo apenas de forma natural, já que nem a traição consegue destruir o poder animal, ou seja, percebe-se o paralelo entre burguesia, povo e "poder animal" como única unidade (todos almejam o poder). Exemplo: "O poder só morre / De doença natural / Nem a traição mata / O poder animal".

Na sequência, é exposta a traição e desconfiança, sendo algo transmitido por todos os poderes. O eu lírico cria um neologismo com a junção de poder + foder = foderes. Falando coloquialmente, o povo é "fodido" pelas promessas do poder público. Exemplo: "Nunca jure lealdade / A qualquer poder / Todos os poderes / Te traição / Todos os 'foderes' / Te traição".

O eu lírico metaforiza a expressão "povo cego" como o lado preocupado apenas com o poder brutal, isto é, a necessidade alheia não tem vez.



Pedro Osmar lançou a canção 'Ferrugem' no CD 'Quem Vem Lá', de 2007

Exemplo: "Não te iludas com o povo cego / Esse povo só quer a festa / Do poder banal".

O sentimento da liberdade expressa é ligada à revolta contra o capitalismo, já que a liberdade do menos favorecido incomoda a classe dominante. Exemplo: "Liberdade, liberdade / É o único sentimento de revolta / Liberdade, liberdade / É o único sentimento de revolta".

No final, temos um exemplo do poder dominante interpretado como "selvageria", que prolifera em nossa sociedade, hipoteticamente sendo vencido pela inteligência. A expressão nos versos "E a vida será a nossa mecânica sentença" é uma maneira de equilibrar a vida (uma forma igualitária de se viver em sociedade). ✖

Ferrugem popular

O poder só morre
De doença natural
Nem a traição mata
O poder animal

Nunca jure lealdade
A qualquer poder
Todos os poderes
Te traição
Todos os "foderes"
Te traição

Não te iludas com o povo cego
Esse povo só quer a festa
Do poder banal.

Liberdade, liberdade
É o único sentimento de revolta
Liberdade, liberdade
É o único sentimento de revolta

Um dia a selvageria
Será vencida pela inteligência
E a vida será a nossa mecânica sentença.



Aponte a câmera de seu telefone celular para o QR Code e ouça a música 'Ferrugem Popular'

Rodrigo Falcão é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colonista da Tabajara FM com o quadro 'Eu Lírico' (2017-2018). Mora em João Pessoa (PB).

Perdeu alguma edição do melhor suplemento literário da Paraíba?



MARKETING EPC

Para ter as edições anteriores do
Correio das Artes em suas mãos,
ligue: **(83) 99117-7042**
ou mande e-mail para: **circulacao@epc.pb.gov.br**

A UNIÃO



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



transformando vidas
pela música

Escola de
Música Sesc
Dom Ulrico

Sesc
Fecomércio
Senac